

# Projeto Juventude e Prevenção da Violência

## Narrativas da Violência: Institucionalização

### Textos de análise 4

setembro de 2010

# Ficha Institucional / Técnica

## Projeto Juventude e Prevenção da Violência

O Projeto Juventude e Prevenção da Violência é o objeto do Termo de Parceria 009/2008, firmado entre o Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública e com recursos do Pronasci, e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Sua consecução contou com amplo leque de parcerias, com destaque para o Instituto Sou da Paz, o Ilanud Brasil e a Fundação Seade.

## FICHA INSTITUCIONAL

### MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

#### Ministro da Justiça

José Eduardo Cardozo

#### Secretário Executivo

Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto

#### Secretária Nacional de Segurança Pública

Regina Maria Filomena de Luca Miki

#### Departamento de Políticas, Programas e Projetos

Alberto Kopittke

#### Diretora de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública

Isabel Seixas de Figueiredo

#### Departamento de Execução e Avaliação do Plano Nacional de Segurança Pública

Sidnei Borges Fidalgo

### FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Presidente do Conselho de Administração

Jésus Trindade Barreto Júnior.

Conselho de Administração: Elizabeth Leeds - Presidente de Honra / Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa / Denis Mizne / Humberto Vianna / Jacqueline Muniz / José Luiz Ratton / José Marcelo Zacchi / José Vicente Tavares dos Santos / Kátia Alves / Luciene Magalhães de Albuquerque / Luís Flávio Saporì / Renato Vieira de Souza / Sérgio Roberto de Abreu / Sílvia Ramos / Wilson Batista

Secretário Geral: Renato Sérgio de Lima

#### Comitês de acompanhamento do termo de parceria

2009-2010: Cláudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Helder Ferreira (IPEA) / Isabel Seixas De Figueiredo (SEDH) / Marcelo Ottoni Durante, presidente (SENASP) / Paula Miraglia (ILANUD Brasil) / Reinaldo Chaves Gomes (MJ/PRONASCI) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

2010-2011: Almir de Oliveira Junior (IPEA) / Claudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Denis Mizne (Instituto Sou da Paz) / Heloiza de Almeida Prado Botelho Egas (SDH) / Luciane Patrício Braga de Moraes, presidente (SENASP) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

#### Agradecimentos institucionais

Ricardo Brisolla Balestreri / Reinaldo Chaves Gomes / Ronaldo Teixeira

## FICHA TÉCNICA

### Supervisão geral

Renato Sérgio de Lima

### Coordenação geral

Denis Mizne / Melina Riso / Paula Miraglia / Renato Sérgio de Lima

### Coordenação executiva

Carolina Ricardo / Ligia Rechenberg / Marina N R Menezes / Mônica Zagallo / Samira Bueno

### Administração

Hilda Mancuso / Amanda Gouvea / Fernanda Kamiyama

### Equipe

Adalton Marques / Adriana Gomes de Paiva / Adriana Taets / Aico Sipriano Nogueira / Alberto Alvadia / Alberto Coutinho Rabelo / Alessandra M. Navarro / Alexandre Paiva Camargo / Aline Honorato da Silva / Aline Yamamoto / Ana Carolina Guerra Alves Pekny / Ana Maria Narducci / Ana Maura Tomesani Marques / Ana Paula Portella ferreira Gomes / André Chui de Menezes / André Paiva / Aurélio Moschin / Camila Caldeira Nunes Dias / Camilo Flamarion Barbosa dos Santos / Carlos Henrique de Lima / Clarissa Galvão Cavalcanti Borba / Clarissa Ribeiro Huguet / Claudia Charoux / Daniel Angelim / Daniel Mazzuco / Debora Cristina Carrari / Débora Sousa Lopes / Dennis Van Wanrooij / Enrico Spaggiari / Erika Soares Sallum / Francisco José Pereira de Lima / Fransergio Goulart de Oliveira Silva / Iuri Pereira Jaime / Jaqueline Soares / João Cardoso / José Ap. Severino dos Reis / José Luis Ventura Leal / Juliana Vinuto / Karina Fasson / Laura Fernanda Zacher / Leticia Nuñez Almeida / Ligia Schiavon Duarte / Lize Marchini / Luiz Antônio Brenner Guimarães / Maia Fortes / Marcio Teixeira da Silva / Marco Aurélio Martins / Marcus Goes / Maria Eunice Xavier Kallil / Marília Ortiz / Martha Maria Jares Alves / Max Maciel Cavalcanti / Natalia Lago / Natalia Romano / Oteniel Almeida dos Santos / Patricia Correia de Oliveira / Patricia Mercedes Henzell / Paula Regina da Silva Guerra / Paulo Eduardo Mancuso / Rebeca Zanetti de Traglia / Régia Cristina Oliveira / Regina Maria Prado Leite Erbolato / Reinaldo Chaves Gomes / Ricardo Augusto Romano Santa'anna / Ricardo Neves / Solange Gonçalves / Solange Martins / Stella Christina Schrijnemaekers / Terine Husek Coelho / Thandara Santos / Thiago Thadeu da Rocha / Tiago Rangel / Valéria Torres da Costa e Silva / Vanessa Abdo Benaderet / Vânia Regina Fontanesi / Vera Helena de Camargo / Welison da Silva Mesquita

### Consultores

Alex Niche Teixeira / Beatriz Silva Cruz / Cristina Neme / Doriann Luis Borges de Melo / Guaracy Mingardi / Haydée Caruso / Ilona Szabó de Carvalho / Jander Ramon / José Luiz Ratton Jr. / Liana de Paula / Lilian Liye Konishi / Luiz Flavio Saporì / Marlene Monteiro Pereira / Maria Cristina Rocha / Melissa de Mattos Pimenta / Neide Patarra / Sílvia Ramos / Sonia Nahas de Carvalho / Tânia Pinc / Túlio Kahn

Redação do relatório: Liana de Paula

## Sumário

|                                                                                                        |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação .....                                                                                     | 4  |
| Principais fatores que podem levar os jovens a se envolverem com a violência letal .....               | 5  |
| Relações familiares dos adolescentes e jovens entrevistados .....                                      | 5  |
| Jovens, grupos de pares e violência .....                                                              | 23 |
| Jovens e violência no bairro .....                                                                     | 27 |
| Jovens, escolarização e violência .....                                                                | 43 |
| Como minimizar os fatores de risco que levam os<br>jovens a se envolverem com a violência letal? ..... | 46 |
| Bibliografia .....                                                                                     | 47 |
| Anexo a - apêndice metodológico .....                                                                  | 49 |

## Apresentação

Este relatório apresenta resultados parciais da segunda etapa de abordagem utilizando técnicas de pesquisa qualitativa, complementar à análise da associação entre juventude e exposição à violência, que integrou o Projeto Juventude e Prevenção da Violência, realizado pelo Ministério da Justiça no âmbito do Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud) e o Instituto Sou da Paz.

A etapa que ora se apresenta chamou-se Narrativas da Violência: Institucionalização e foi realizada em 2009 e 2010 por meio de entrevistas exploratórias com adolescentes internados e jovens apenados em 14 Estados, com ênfase nas capitais (com exceção de Luziânia, em Goiás).

Foram realizadas 214 entrevistas exploratórias, sendo 123 gravadas e transpostas para um banco de dados do software NVivo, a partir do qual foram feitas as análises apresentadas neste relatório. As entrevistas cujas gravações não foram autorizadas ocorreram nos estados de Rio de Janeiro e em São Paulo, sendo os dados coletados a partir das anotações do pesquisador (registros de campo). As notas metodológicas desta etapa encontram-se no apêndice (Anexo A) deste relatório.

**Tabela 1 - Entrevistas exploratórias com adolescentes e jovens entre 12 e 29 anos institucionalizados, segundo localidades**

| Região       | Estado            | Município      | Faixa etária dos entrevistados | Entrevistas realizadas |
|--------------|-------------------|----------------|--------------------------------|------------------------|
| Centro-Oeste | Distrito Federal  | Brasília       | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Goiás             | Luziânia       | Adolescentes                   | 04                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
| Nordeste     | Alagoas           | Maceió         | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Bahia             | Salvador       | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Ceará             | Fortaleza      | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Pernambuco        | Recife         | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 12                     |
| Norte        | Acre              | Rio Branco     | Adolescentes                   | 6                      |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Pará              | Belém          | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
| Sudeste      | Espírito Santo    | Vitória        | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Minas Gerais      | Belo Horizonte | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Rio de Janeiro    | Rio de Janeiro | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | São Paulo         | São Paulo      | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | --                     |
| Sul          | Paraná            | Curitiba       | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |
|              | Rio Grande do Sul | Porto Alegre   | Adolescentes                   | 06                     |
|              |                   |                | Jovens                         | 10                     |

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

## **Principais fatores que podem levar os jovens a se envolverem com a violência letal**

O ponto de partida da análise das entrevistas exploratórias de adolescentes e jovens institucionalizados é o pressuposto de que a violência é um fenômeno multicausal, ou seja, origina-se de diversos fatores que atuam em concerto. A partir desse pressuposto, têm-se, na literatura internacional, diversos estudos que buscam compreender os chamados “fatores de risco” que contribuem para o envolvimento de jovens em atos ilícitos, a despeito da possibilidade de consequências danosas para o próprio indivíduo ou outros (MCLAREN, 2000, p. 20). Os fatores de risco dividem-se em estáticos, que não podem ser alterados pela intervenção, e dinâmicos, passíveis de serem alterados, constituindo-se no principal foco de intervenção.

Esses fatores podem estar presentes nos diferentes espaços onde se dá o desenvolvimento juvenil: relações familiares; relação com grupos de pares; vizinhança ou bairro; e escola. São considerados fatores de risco associados às relações familiares a violência e os maus tratos contra a criança e o adolescente, o envolvimento dos pais com atos ilícitos e os conflitos familiares; na relação com o grupo de pares, têm-se o envolvimento de irmãos e amigos (pares) com atos ilícitos e o fato de ser membro de gangue; na vizinhança ou bairro, incluem-se, entre outros, as más condições de vida, os altos índices de desemprego, a disponibilidade de drogas e armas e os índices elevados de criminalidade e violência local; na escola têm-se, principalmente, o fracasso, o abandono e a evasão escolar. Cabe ressaltar que todos esses são fatores de risco dinâmicos, isto é, podem ser alterados por meio de intervenção, diminuindo o número de jovens que se envolvem com atos ilícitos, incluindo-se a violência letal.

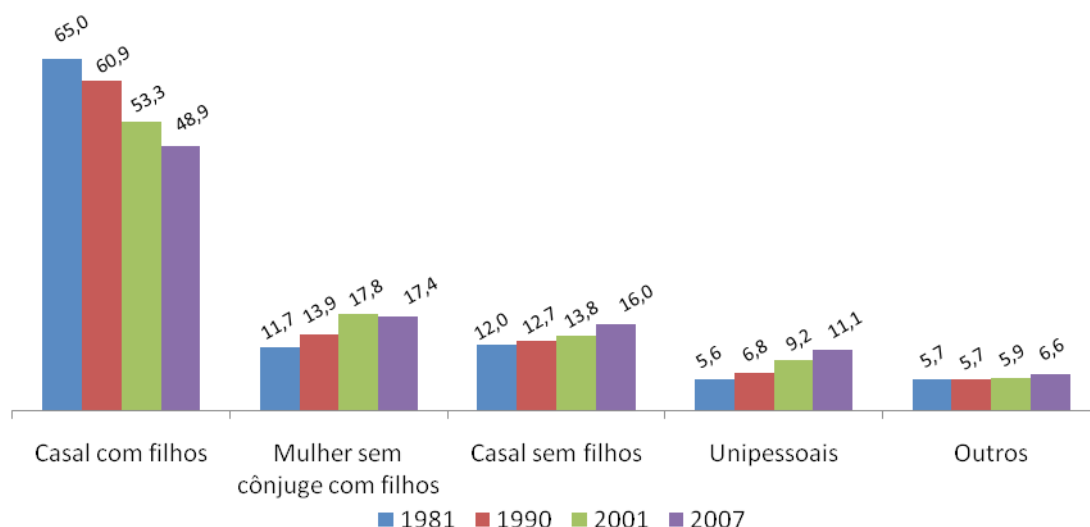
A análise de fatores de risco foi a forma utilizada para abordar o material coletado nas entrevistas, estando a segunda parte deste relatório estruturada de modo a tratar alguns desses fatores.

## **Relações familiares dos adolescentes e jovens entrevistados**

As famílias brasileiras passaram por profundas transformações nas últimas décadas, de tal forma que se tornou impossível falar de “família” no singular. Essas mudanças podem ser observadas na redução do tamanho das famílias, no crescimento do número de famílias monoparentais e na emergência de formas alternativas de organização da vida íntima, entre as quais se destacam os lares unipessoais.

Os dados sociodemográficos levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD/IBGE, desde a década de 1980, apontam a tendência de declínio relativo do modelo familiar nuclear, composto pelo casal e seus filhos, juntamente com o crescimento de outras formas de arranjo familiar. Como pode ser observado no Gráfico 1, a redução da representatividade das famílias nucleares no total de arranjos familiares brasileiros (de 65,0%, em 1981, para 48,9%, em 2007) não foi acompanhada pelo surgimento de um novo modelo hegemônico de família; pelo contrário, esse decréscimo ocorreu em conjunto com uma maior distribuição relativa de outros arranjos familiares, entre eles as famílias monoparentais, principalmente femininas (mulheres sem cônjuge com filhos), que aumentaram de 11,7%, em 1981, para 17,4%, em 2007, além dos casais sem filhos e dos lares unipessoais.

**Gráfico 1 - Distribuição dos arranjos familiares (%)**  
**Brasil – 1981-2007**



Fonte: IBGE/PNAD 2002 e 2008; Ribeiro et al. (1998).

A pluralidade de arranjos familiares obteve reconhecimento legal com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a qual legitimou a união estável (art. 226, §3º) e as famílias monoparentais (art. 226, §4º), além de promover a equalização de direitos conjugais entre homens e mulheres, eliminar as distinções entre filhos nascidos dentro e fora do casamento civil e estabelecer a proteção especial de crianças e adolescentes. Na legislação anterior, cabia ao Estado atuar como guardião da família nuclear, reconhecendo somente os direitos daqueles que compusessem o núcleo legalmente constituído e, ainda assim, fazendo-o de forma a privilegiar os direitos dos homens sobre os de mulheres, crianças e adolescentes. Com a Constituição de 1988, o Estado passou a atuar na proteção especial da família com base nos princípios de “defesa da dignidade humana e garantia da realização dos potenciais da pessoa” (KOERNER, 2002, p. 79).

Realidade vivida por parcela crescente da população brasileira e reconhecida legalmente, a pluralidade de arranjos familiares gera diferentes possibilidades de educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens, em função da redução ou ampliação do contato com os adultos e com outras crianças, adolescentes e jovens. Assim, o desafio de se pensar hoje nas famílias como uma das dimensões do desenvolvimento juvenil está menos ligado à discussão sobre estrutura (ou desestruturação) familiar e mais às relações que se estabelecem dentro do espaço familiar: relações afetivas, afetivo-sexuais, consanguíneas, inter e intrageracionais.

Nesse sentido, as famílias, independente da forma como se organizam, são uma dimensão importante no desenvolvimento das novas gerações, não somente por serem imediatamente responsáveis pelos seus cuidados (saúde, nutrição, educação, vestuário, etc.), mas também por constituírem os espaços onde primeiro se estabelecem as relações de identificação dos mais jovens com os outros que lhes são afetivamente significativos.

Trataremos, a seguir, dos arranjos familiares dos entrevistados, tanto de suas famílias de origem quanto das composições atuais, e das relações familiares, com foco no recorte inter-geracional, isto é, nas relações dos jovens com os adultos (pai, mãe, tio) de suas famílias.

## Os arranjos familiares dos adolescentes e jovens institucionalizados

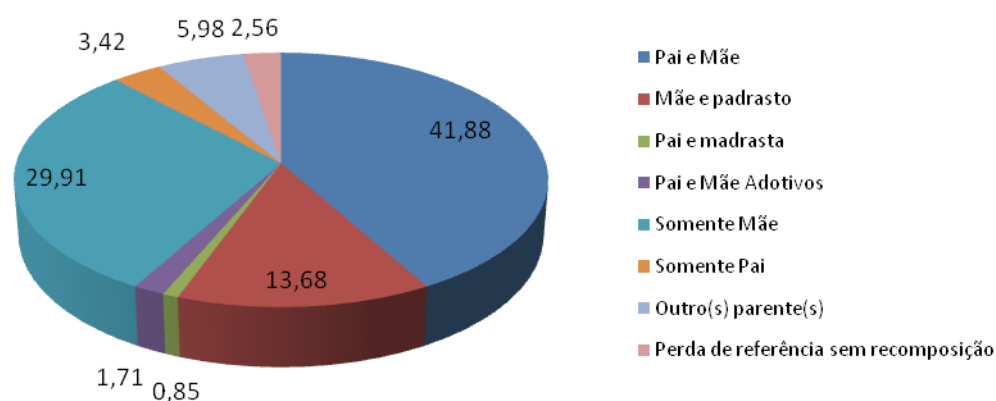
Durante as entrevistas, 117 adolescentes e jovens institucionalizados fizeram referência às suas famílias de origem (pai, mãe, avós, avôs, tios, tias e também irmãos, irmãs, primos e primas) e 123 mencionaram os arranjos familiares atuais (esposas e companheiras, filhos e filhas).

Quase a metade dos entrevistados (41,88%) cresceu em famílias compostas por pai, mãe, irmãos e irmãs e continuava a apresentar esse arranjo familiar de origem no momento da entrevista (Gráfico 2). Aqueles que viveram a experiência de recomposição familiar após a separação dos pais ou o falecimento do pai correspondem a 14,52, sendo que praticamente todos (13,68%) continuaram a morar com a mãe. Já 33,33% passaram a viver em famílias monoparentais antes de comporem suas próprias famílias, dos quais 29,91% moravam com a mãe e seus irmãos e irmãs e 3,42% com o pai e seus irmãos e irmãs.

Observaram-se poucos casos em que outros parentes assumiram os cuidados pelos entrevistados (5,98%), que foram criados, principalmente, pela avó materna. Somente um entrevistado passou a viver com sua tia paterna após o falecimento do pai.

Também foram poucos os casos em que a perda de referência não foi acompanhada de nova recomposição do arranjo familiar vivido pelos entrevistados (2,56%), levando-os a viver em situação de rua. Entre esses, houve um entrevistado que passou a viver na rua após o falecimento dos pais e um que o fez após a morte da avó materna, que o criava desde que sua mãe recompôs o arranjo familiar com outro homem. Esses dados indicam que praticamente todos os entrevistados tiveram durante seu período de desenvolvimento infanto-juvenil a experiência de viver em arranjos familiares com, pelo menos, um dos genitores (91,45%, considerando-se, também, a convivência com pai e mãe adotivos).

Gráfico 2 - Distribuição dos entrevistados, segundo arranjos familiares de origem com foco no parentesco intergeracional (%)  
Municípios pesquisados (1) – 2009/2010



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

(1) Correspondem a Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Luziânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória

Somando-se os casos em que a mãe manteve-se presente no arranjo familiar de origem, verifica-se que 89,16% dos entrevistados viveram com sua mãe até o momento de compor sua própria família. Esse dado indica a permanência da centralidade da figura materna no cuidado e criação dos filhos, sendo essas tarefas pouco divididas ou assumidas pelos homens/pais.

A ausência do pai no arranjo familiar de origem pode se explicar pela separação ou por seu falecimento, levando a mãe, em alguns casos, a recompor a família com uma nova união (padrasto). Entre os casos de ausência paterna no arranjo familiar de origem, 50 foram motivados pela separação dos pais e oito em razão do falecimento do pai. Nas situações de separação, cinco entrevistados relataram não conhecer o pai ou não saber quem ele é.

*E: Como é a tua família?*

*J: Sossegada. Minha mãe, minha irmã – essa que o rapaz tentou estuprar – casou e está morando pro lado do Coq e tem dois meninos já, um menino e uma menina. E tenho uma irmã mais nova, que tem onze anos. Ela estuda. Só ela, minha mãe e meu padrasto.*

*E: E teu pai?*

*J: Meu pai, eu não quero nem saber quem é. Se eu soubesse, dava um bocado de tiro na cara dele.*

*E: E como é tua relação com teu padrasto?*

*J: Nenhuma. Ele tem um medo da p... de mim. Aquele vacilão. Mandeí dar uma pisa nele.*

*E: E ele vem aqui te visitar?*

*J: Vem. Vem como medo, mas vem.*

(Jovem entrevistado em Recife, 23 anos, institucionalizado por roubo, iniciou sua trajetória no crime com 12 anos, tendo se envolvido também em homicídio, latrocínio e tráfico de drogas).

Boa parte dos entrevistados cujos pais são separados (29 dos 50 casos) relatou que, apesar de conhecer o pai ou saber quem ele é, não manteve a convivência com ele após a separação.

*E: E seu pai?*

*J: Meu pai é separado da minha mãe. Mora em Vitória.*

*E: E na sua infância já eram separados?*

*J: Já.*

*E: E você conhece ele?*

*J: Conheço.*

*E: Chegou a conviver com ele?*

*J: Não, não tenho um bom relacionamento com ele não.*

*E: Nunca teve?*

*J: Não, no começo a gente tinha algum relacionamento. Mas depois ele foi para um lado, casou com outra mulher... Foi para o lado dele e nunca mais foi lá em casa.*

*E: E ele não ajudou a criar vocês?*

*J: Não.*

(Jovem, entrevistado em Vitória, 26 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 19 anos, tendo se envolvido também com tráfico de drogas e roubo).

*E: Você nasceu aonde? Foi em Rio Branco mesmo?*

*J: Guajará.*

*E: Guajará? Guajará é interior aqui...*

*J: De Rondônia.*

*E: De Rondônia? Estado do lado. E daí você veio com que idade aqui para Rio Branco?*

*J: Vim com cinco anos. O meu pai estava servindo o exército, aí a mãe foi e fugiu dele.*

*E: E veio para cá...*

*J: É, veio para cá. Até hoje, meu pai tem raiva dela por causa que era para mim ter nascido no*

*lugar dele. Se eu tivesse no lugar dele, não estava sofrendo igual hoje.*

*E: E me conta uma coisa: seu pai, você nunca mais viu ele?*

*J: Meu pai? Depois que eu vim preso, realmente nunca mais.*

*E: Mas e quando você estava crescendo, você ainda via ele?*

*J: Eu vi ele, dos meus cinco anos, eu fui ver ele com 22 anos.*

*E: E como foi? Você foi para lá em Guajará?*

*J: Fui para lá.*

*E: E ele?*

*J: Ele me abraçou, entendeu? Me abraçou, chorou, pediu para mim não vim. Eu disse: “Não, pai, eu vou porque...” Minha mãe, eu gosto dela demais. Ele: “Não. Fica aqui. Fica aqui”. Eu sofri muito junto dele: “Não, pai, eu vou, eu entendo, mas...”*

*E: Ele casou de novo?*

*J: Casou de novo.*

*E: Tem família? Está com filhos?*

*J: Tem família. Tenho duas irmãs.*

*E: E você com a sua mãe? É só vocês dois?*

*J: Somos eu, ela e meu irmão.*

*E: E por que sua mãe fala que fugiu? Por que não gostava dele ou por que ele agredia ela?*

*J: Porque ele batia muito nela.*

*E: E ele bebia?*

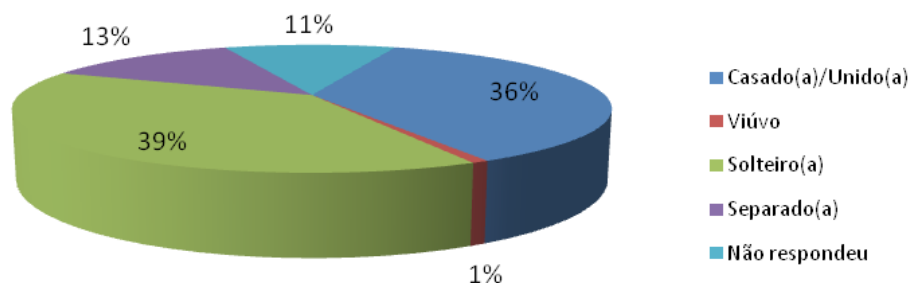
*J: Bebia, usava droga, batia nela. E agora ele se ajeitou. Ele é tenente agora.*

*(Jovem, entrevistado em Rio Branco, 28 anos, institucionalizado por roubo, alega inocência e aguarda julgamento).*

Conforme exemplificado nos trechos apresentados, a ruptura na convivência com o pai após a separação do casal ocorreu ora em decorrência do afastamento do pai em relação aos filhos tidos com a ex-companheira, ora em razão da violência doméstica sofrida pela mãe, levando-a a se afastar e afastar os filhos do convívio com o ex-companheiro. Em ambas as situações, o distanciamento entre pai e filhos resulta do rompimento da relação conjugal, indicando a tendência de que o relacionamento do pai com os filhos se mantém somente enquanto durar a relação conjugal. A vinculação entre a relação com a mulher e com os filhos dessa mulher reitera a observação, feita anteriormente, de que a criação e o cuidado com os filhos permanecem tarefas essencialmente femininas, sendo pouco assumidas pelos homens. De fato, apenas nove dos 50 entrevistados que viveram a experiência de separação dos pais declararam ter mantido algum tipo de convivência com o pai após esse rompimento.

Essa tendência se mantém na composição do arranjo familiar atual dos entrevistados: 56,44% informaram ter filhos (Gráfico 4), cuja idade variava entre menos de um ano e 12 anos. Em todos os casos em que os entrevistados não mantinham mais relacionamento afetivo-sexual com as mulheres com as quais tiveram filhos, esses passaram a ser criados pelas mães, sendo que poucos entrevistados declararam manter a convivência com os filhos após o rompimento da relação com as esposas e companheiras.

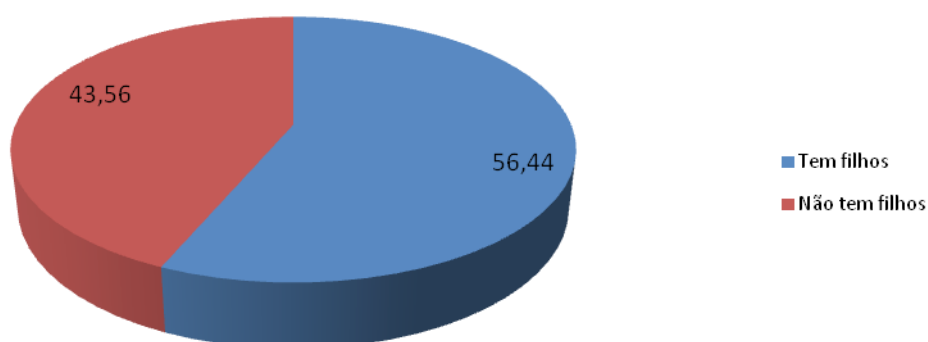
**Gráfico 3 – Distribuição dos entrevistados, segundo estado civil**  
Municípios pesquisados (1) – 2009/2010



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

(1) Correspondem a Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Luziânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória

**Gráfico 4 – Distribuição dos entrevistados, segundo situação de ter ou não filhos**  
Municípios pesquisados (1) – 2009/2010



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

(1) Correspondem a Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Luziânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória

Das explicações dadas pelos entrevistados sobre sua ausência enquanto pais na criação dos seus filhos, observaram-se duas motivações: uma reproduz a situação vivida nos arranjos familiares de

origem no que se refere ao afastamento da relação com os filhos juntamente com o término da relação com a mulher; e a outra decorre da própria prisão, pois a privação de liberdade leva os entrevistados a dependerem da autorização e/ou colaboração da ex-companheira para manterem contato os filhos, como pode ser observado nos relatos apresentados a seguir.

*J: Bate saudade. Eu sou pai, né? Tenho três filhas moças, tudo novinha.*

*E: Tem três filhas?*

*J: Tenho três filhas moças.*

*E: Quantos anos elas têm?*

*J: Tenho uma de sete, uma de três e outra de dois [anos]. Acho que sinto saudade, por causa que eu sou separado e a mãe das duas primeiras minhas é uma briga do caramba querendo que eu volta e aí não dá certo. Aí, não deixa nem minha família trazer, nem ela vem. Aí, eu fico sem ver. E a mais novinha, a mãe é evangélica, não deixar ir na cadeia. Vai para quatro meses que eu só vejo minhas filhas em foto. Aí, bate saudade pra caramba.*

(Jovem, entrevistado em Belo Horizonte, 28 anos, iniciou sua trajetória no crime com 14 anos, tendo se envolvido com tráfico de drogas e homicídio).

*E: Você tem um filho ou dois?*

*J: Dois, um casal.*

*E: Que idade que eles estão?*

*J: O menino tem seis anos e a menina tem quatro anos.*

*E: E você está com quantos anos?*

*J: 28.*

*E: E você está há quanto tempo aqui?*

*J: Aqui, nessa unidade, eu tô há dois anos.*

*(...)*

*E: Ao todo, você está há quanto tempo [preso]?*

*J: Dois anos e seis meses.*

*E: Então, quer dizer, o filho mais velho, você teve bastante contato com ele, não é?*

*J: Tive.*

*E: Agora, a mais novinha, pouco, né?*

*J: Não, tive um ano e pouco, né?*

*(...)*

*E: E você vê eles bastante?*

*J: Vejo uma vez por mês.*

*E: Quem vem te visitar?*

*J: Minha esposa, meus filhos, minha mãe e meus irmãos.*

(Jovem, entrevistado em Curitiba, 28 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 16 anos, tendo se envolvido em roubo).

O afastamento involuntário entre os entrevistados e seus filhos em razão da privação de liberdade e o distanciamento voluntário devido à ruptura do relacionamento com a mãe dos filhos são experiências vividas por seus filhos que desafiam a garantia do direito à convivência familiar, expresso na Constituição Federal, de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, e no Plano Nacional de Direito à Convivência Familiar e Comunitária, de 2006. Como é possível assegurar às crianças o direito a conviverem com pais que se encontram privados de liberdade? Como é possível promover a “paternidade responsável”, isto é, o estabelecimento de relações entre pais e filhos independentemente da relação entre o pai e a mãe?

Considerando a idade dos filhos dos entrevistados, que variou entre menos de um ano e 12 anos, ressalta-se que essas crianças compõem arranjos familiares cujo ciclo de vida ainda se encontra na

etapa inicial, ou seja, as famílias em que todas as crianças possuem idade inferior a 16 anos.<sup>1</sup> Nessa etapa, há maior mobilização das estratégias familiares em torno dos cuidados com as crianças, que se encontram em situação peculiar de desenvolvimento e requerem, portanto, maior atenção no que se refere à saúde, nutrição, educação, entre outros.

Tanto nos casos de afastamento voluntário entre pais e filhos quanto nos involuntários, deve-se considerar as possíveis consequências para as condições de vida dos arranjos familiares dessas crianças.

*E: E ele [o irmão] está aqui dentro [do presídio]?*

*J: Não, ele veio... Quando eu fui preso ele veio [do Maranhão] pra cá pra ficar me dando assistência, cuidando lá fora das minhas filhas, entendeu?*

(Jovem, entrevistado em Brasília, 24 anos, institucionalizado por sequestro relâmpago, não tinha envolvimento anterior com atos ilícitos).

A preocupação com as condições de vida dos filhos após sua prisão foi externada por alguns entrevistados. No entanto, há poucos estudos e dados sobre a situação das famílias de pessoas presas no Brasil, o que limita a análise sobre rearranjos materiais, desdobramentos psicológicos e construções identitárias das esposas, companheiras, filhos e filhas de pessoas presas.

O que se pode salientar, no entanto, é que há possibilidade de que essas crianças venham a experimentar precocemente situações de vulnerabilidade social. Segundo dados da PNAD publicados em 2008, 37,0% das famílias brasileiras com todas as crianças menores de 16 anos estavam na faixa de renda mensal per capita de até ½ salário mínimo, proporção que chegava a 61,2% na Região Nordeste. Ainda segundo a PNAD, houve crescimento das famílias monoparentais com todos os filhos menores de 16 anos. Entre estas, 90,2% eram compostas pela mulher sem companheiro e com filhos, das quais 43,1% encontravam-se na faixa de renda mensal per capita de até ½ salário mínimo (IBGE/PNAD, 2008).

### *Relações familiares e exposição à violência*

A violência nas relações familiares, ao expor crianças e adolescentes a situações de violência dentro da própria família, é um fator que pode levá-los posteriormente ao envolvimento com a violência? Embora haja poucos estudos sobre a relação entre exposição à violência doméstica e envolvimento com atos violentos no Brasil, outros países, destacando-se os Estados Unidos, têm desenvolvido diversas pesquisas que buscam estabelecer, desde a década de 1980, as principais consequências psicológicas e fisiológicas da exposição precoce a situações de violência, indicando que a violência doméstica é um fator significativo. Como explica Nancy Cardia (2003, p. 300-1):

*A literatura mostra que a violência que tem mais impacto é aquela que ocorre mais próximo das pessoas, com elas mesmas ou com parentes e amigos. A exposição à violência é definida como a experiência direta com a violência – ser vítima de algum ato violento – e a experiência indireta – testemunhar atos de violência, ou ainda casos que envolvem parentes ou amigos próximos e sobre os quais ouvem falar. (...)*

*Quais os principais efeitos que têm sido atribuídos à exposição à violência? Os efeitos variam de acordo com a faixa etária, e com o local onde se dá a exposição. Os efeitos mais intensos são observados entre as crianças e jovens expostos a violência mais gra-*

1 O ciclo de vida familiar é uma perspectiva temporal que considera os diferentes momentos da trajetória familiar com base na idade dos filhos e no número de membros da família. Esse recorte temporal permite perceber as diferentes estratégias que as famílias desenvolvem para obter e utilizar os recursos necessários à sua sobrevivência e bem-estar. Há, basicamente, três etapas desse ciclo: na primeira, todos os filhos são menores de 16 anos; na etapa intermediária, há filhos maiores e menores de 16 anos; na última etapa, também chamada de dispersão ou maturidade, todos os filhos são maiores de 16 anos. Ver Ribeiro et al. (1998, p. 140-1) e IBGE/PNAD (2008).

*ve na família e no bairro. A presença de violência dentro da família irá agravar em muito os efeitos da violência no bairro.*

A violência doméstica potencializa os efeitos da violência do bairro, uma vez que a família, normalmente considerada um âmbito de proteção contra os efeitos da exposição à violência do bairro, converte-se em fonte de agravamento desses efeitos.

Ainda de acordo com Nancy Cardia, as consequências da exposição à violência em jovens podem ser físicas, tais como distúrbios de sono, ansiedade, depressão e falta de concentração, ou mentais, como frustração, preocupação com o bem-estar individual e da família, fobias, entre outros. Esses efeitos “podem alimentar diferentes processos de dessensibilização e de ampliação dos comportamentos de risco, de fuga ou de adaptação à situação” (CARDIA, 2003, p. 301).

Nas entrevistas dos adolescentes e jovens institucionalizados, foram encontradas experiências de violência doméstica, principalmente contra a mãe e, em alguns casos, contra o entrevistado e/ou seus irmãos, e de assassinato de pessoas da família – pai, irmãos, tios e primos. Nesse sentido, a experiência de violência dentro da família, seja como vítima seja como testemunha, é um fator a ser considerado em novas pesquisas que busquem a compreensão do envolvimento de jovens com atos violentos.

Dos 117 entrevistados que mencionaram suas relações familiares, 25 (21,4%) afirmaram terem sido vítimas ou presenciado situações de violência doméstica durante a infância. Em apenas um dos casos foi relatada agressão da mulher em relação ao marido. Em 20 situações (17,1%), a violência ocorria contra a mulher (pai e mãe; padrasto e mãe), muitas vezes relacionada a abuso de álcool.

*J: Eu via meu pai batendo na minha mãe.*

*E: Quando isso acontecia, você era muito pequeno?*

*J: Era. Eu tinha uns quatro anos, cinco anos.*

*E: Você lembra o que você sentia?*

*J: Lembro.*

*(Silêncio)*

*J: Meu pai...*

*E: O que você sentia?*

*J: Tipo uma raiva que eu tenho dele.*

*E: Você não vê mais seu pai?*

*J: Não, desde quando ele se separou da minha mãe, eu nunca mais...*

*E: E ele nunca mais te procurou?*

*J: Não. Nem notícia.*

(Jovem, entrevistado em Luziânia, institucionalizado por homicídio e tentativa de homicídio, não tinha envolvimento anterior com atos ilícitos)

*E: E na sua casa, assim, seu pai, sua mãe, eles bebiam também?*

*J: Não, não. Minha mãe não bebe não. Minha mãe não bebe nem fuma.*

*E: E seu pai?*

*J: Agora, meu pai gostava de beber.*

*E: Gostava de beber? E chegava bêbado em casa?*

*(Silêncio)*

*E: E era ruim quando ele chegava bêbado em casa?*

*J: Era.*

*E: Ele brigava com todo mundo ou não?*

*J: Brigava, arrumava briga, mas a gente acalmava.*

*E: Você já viu ele brigando com a sua mãe?*

*J: Já vi, já.*

E: Ele já chegou a bater nela?

J: Já.

E: E o que você fazia?

J: Nós separava. Ficava chorando, separando.

E: Você chegou a brigar com ele por conta disso?

J: Não. Nunca briguei com meu pai.

(Jovem, entrevistado em Recife, 24 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 19 anos, tendo se envolvido anteriormente apenas com posse de arma).

Entre os casos relatados de violência contra a mulher, um se destaca pelo desfecho e a forma como o próprio entrevistado veio a tratar sua companheira:

A: O marido da minha mãe batia nela. Ele era da polícia, ele. Do exército, parece. Aí, uma vez eu fui lá onde ela morava, a minha mãe, e eu achei uma quadrada que ele tinha lá.

E: O que é uma quadrada?

A: Uma pistola. Eu achei essa quadrada dele e eu peguei ela. Tava cheia de bala. Ele começou a discutir com a minha mãe, não sei o quê. Aí, eu vi ele dar o maior tapa nela. Eu já tirei [a pistola]: “Da próxima vez que tu tocar na minha mãe, eu vou te matar”. Ele ficou me olhando, ele. Ele falou: “Me dá esse negócio aqui”. Eu engatilhei na cara dele já: “Não te aproxima, senão vou te matar”. Eu fiquei... eu já tava muito afim de matar ele, mas minha mãe não deixou. “Filho, não faz isso”. Ela falou que eu ia me prejudicar. Aí, essa arma dele... Essa arma ele tinha pegado aí dos caras aí, dos caras que robava. Não era legalizada, ela, e ele não podia dar queixa. Eu sumi com ela, eu. Já comecei a roubar com ela, já comprei outro pente, enchi de bala e ficava andando com ela.

E: Ele não foi atrás de você?

A: Eu falei que tinha vendido ela. Uma vez ele brigou com a mamãe, eu cheguei e a mamãe estava toda roxa lá em casa. Eu falei “É, eu vou matar esse safado”. Já peguei e saí. Eu tinha um moleque que robava comigo, o N., e ele tinha uma moto. Falei para ele “N., bora dá um balão.” “Pra onde?” “Lá pros lados de Santa Maria”. Eu fui já com o N. e eu encontrei ele. E eu matei ele.

E: Você matou?

A: Matei.

E: É por isso que você está aqui?

A: Não... Não deu em nada a morte dele, não.

E: Não deu?

A: Não. Ninguém soube quem foi. Tava tudo de capacete (...) Aí, mamãe sofreu um pouquinho.

E: Ela soube que foi você?

A: Não. Ela já veio saber agora já, que ela está com esse novo marido dela. Eu falei para ela.

E: Você falou para ela? E qual foi a reação dela?

A: Ela ficou só me olhando. Eu falei: “Olha...” por causa que ela chegou chorando uma vez lá em casa; aí, eu pensei que tinha sido o marido dela, esse marido dela, que tivesse batido nela. Eu falei: “Olha, se eu souber que ele anda te batendo, vou fazer que nem eu fiz com o A.” Aí, ela ficou me olhando. Ficou pálida já. Ela falou: “Que foi que tu fez com ele?”. Eu falei: “Eu dei lição nele por causa dessa onda de ficar batendo na senhora. Só não matei meu pai porque ele é meu pai, senão tinha matado ele”. Já saí e já fui-me embora.

(...)

A: Se eu pudesse voltar no passado, eu ia parar de... Eu batia muito na minha mulher. Eu só me arrependo disso, só.

J: Você batia na sua mulher?

A: Batia.

J: Por causa de...

A: Por causa de nada.

(Adolescente, entrevistado em Belém, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 10 anos, tendo se envolvido também em roubo).

Esse caso chama a atenção para a possível ocorrência do processo de dessensibilização, apontado por Nancy Cardia (2003) como resultado da exposição à violência. Na trajetória desse adolescente, além do testemunho de violência contra a mãe, houve a experiência de violência no bairro, levando-o a se envolver precocemente com gangues, e o envolvimento de um tio com o tráfico. No trecho acima, observa-se a semelhança com o processo de dessensibilização, descrito por Cárdua (2003, p. 301):

*(...)dessensibilizar-se significa se desligar da dor das vítimas, um processo no qual a violência que as vítimas sofrem passa a ser considerada “normal”. A dessensibilização implica em subestimarem as conseqüências da violência para suas vítimas, culparem as vítimas pelo que lhes ocorre, processo também denominado de exclusão moral – uma espécie de anestesia moral ou de desligamento baseado na crença em um “mundo justo” – coisas ruins acontecem às pessoas que fizeram algo ruim.*

Juntamente com os testemunhos de situações de violência contra a mulher (mãe), dez entrevistados relataram terem sido vítimas de violência doméstica.

*E: Você já teve algum tipo de experiência [com violência contra a mulher]?*

*J: Já. Meu pai bateu muito na minha mãe. Meu padrasto tentou também, mas não teve muito sucesso porque, invés de bater nela, fomos nós que batemos nele. Meu pai também teve o mesmo resultado. Então, eu não gosto. O que fizeram com minha mãe, eu não gosto disso.*

*E: E você tem muitas lembranças da sua infância? Do seu pai batendo na sua mãe?*

*J: Tenho. Muitas. Eu passei fome por causa disso. (...) Ele me deixou passando fome. Eu era bem novinho. Então, não sou muito favorável a isso não.*

(Jovem, entrevistado em Vitória, 27 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 12 anos, tendo se envolvido com o tráfico de drogas e roubo).

*A: Não tenho muito contato com o pai. Não converso muito com ele, ele só vive bebendo e nós não temos tempo de conversar.*

*E: Seu pai continua casado com a mãe ou ele se separou?*

*A: Se separou esses tempos agora.*

*E: Faz pouco tempo?*

*A: É.*

*E: Foi antes de você vir para cá?*

*A: Foi.*

*E: E, conta aí, como era: seu pai ficava agressivo quando ele bebia?*

*A: Bastante.*

*E: Bateu na mãe? Chegou a bater?*

*A: Quando eu era pequeno, ele vivia espancando a minha mãe.*

*(...)*

*E: Com vocês, ele [o pai] chegou a cometer violência também? Bater?*

*A: Bastante. Já me jogou embaixo do caminhão, eu e minha mãe, quando eu era pequeno.*

(Adolescente, entrevistado em Brasília, 16 anos, institucionalizado por homicídio, não tinha envolvimento anterior com atos ilícitos).

Dos 25 entrevistados que relataram terem testemunhado ou sido vítimas de violência doméstica, cinco mencionaram exclusivamente a violência contra a criança.

*E: E o seu pai?*

*J: Meu pai? Meu pai é policial.*

(...)

*J: Meu pai saiu de casa eu tinha 9 anos.*

(...)

*J: Rapaz, meu pai, ele não dava valor pra gente, não. Você pode ver que, uns dias aí para trás, chegou um oficial para eu assinar um documento aí. É exoneração de pensão. Ele tá pensando que eu quero a pensão, o dinheiro dele. Olha.*

*E: Mas e a relação com o seu pai?*

*J: Meu pai, quando eu era pequeno (...), o que ele fazia comigo, eu não penso em fazer com você porque a pessoa cresce e guarda rancor. Quando... dá até vontade de chorar (jovem chora e tem dificuldade para continuar contando, há uma pausa).*

(...)

*J: Quando meu pai estava em casa, ele agredia muito a gente [jovem e sua irmã]. Não sei se é por causa dos costumes lá da PM, dos problemas dele lá. Eu sofri muito. Cheguei a ficar nu na porta de casa. Gente passando na rua, e eu nu ali de castigo. Cheguei a ficar amarrado numa cadeira, eu e minha irmã. E ele dizendo “Quer assistir que canal?” E a minha irmã “Não castiga nós não”. E ele, com o cabo de vassoura: “Que é isso?” E a minha mãe na frente, protegendo a gente. Aí, eu cresci com raiva. Aí, quando eu cheguei aos 15 anos, a raiva começou a sair. Mas até hoje eu não esqueço: o que um pai faz com um filho, fica sequele.*

*(Jovem, entrevistado em Maceió, 28 anos, institucionalizado por homicídio, não tinha envolvimento anterior com atos ilícitos).*

Embora não tenha sido o foco das entrevistas deste Projeto, é preciso aprofundar o entendimento da relação entre violência doméstica e atuação violenta. Como dito anteriormente, estudos realizados em outros países têm indicado a existência de possíveis co-relações entre vitimização na infância e atitudes violentas na adolescência e juventude. Mais precisamente no Reino Unido (Irlanda e Escócia), os resultados das pesquisas apontam eventuais falhas no sistema de proteção a crianças e adolescentes, o que leva parcela dos atendidos a se tornar também usuária do sistema socioeducativo (BUCKLEY; O’SULLIVAN, 2007; MCGHEE; WATERHOUSE 2007). No Brasil, pouco se avançou no sentido de avaliar a eficácia e a efetividade dos sistemas públicos que deveriam atuar na proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência (destacadamente, o Sistema Único de Assistência Social – SUAS e o Sistema Único de Saúde – SUS), o que poderia, eventualmente, resultar na diminuição do número de adolescentes e jovens que se tornam agentes de violência. Ainda no que se refere à exposição à violência com foco nas relações familiares, o Quadro 1 apresenta os casos de entrevistados que relataram ter perdido seus familiares por morte violenta.

## Quadro 1

### Adolescentes e jovens entrevistados que declararam terem tido familiares assassinados Municípios pesquisados – 2009/2010

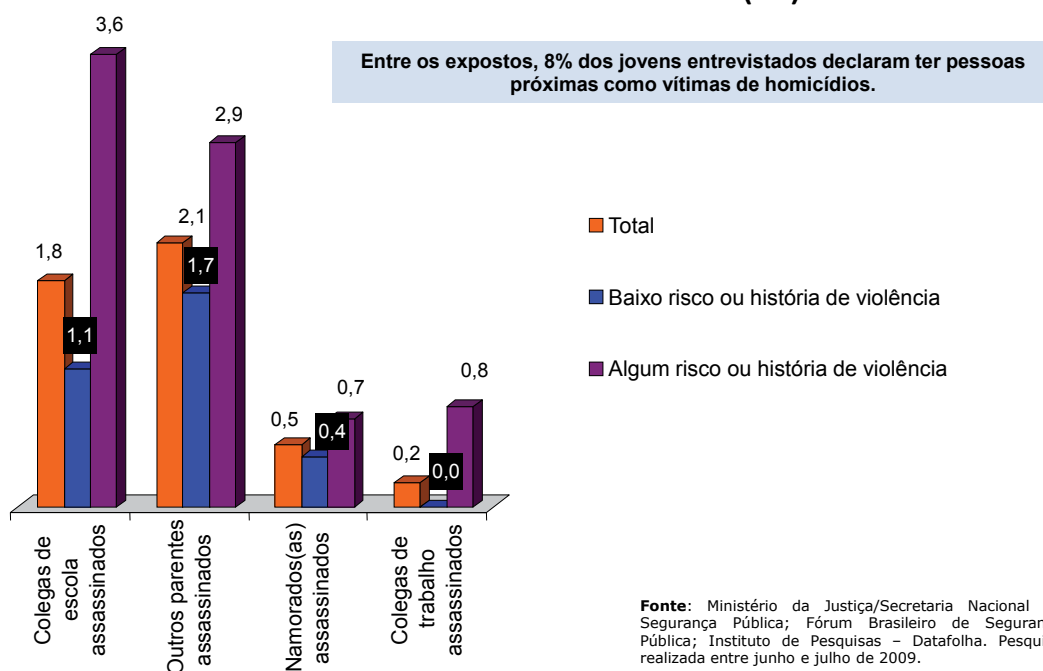
| Municípios     | Faixa etária do entrevistado | Familiares assassinados                    |
|----------------|------------------------------|--------------------------------------------|
| Belém          | Jovem                        | Um irmão                                   |
| Belém          | Jovem                        | Um irmão                                   |
| Belém          | Jovem                        | Um irmão                                   |
| Brasília       | Jovem                        | Pai e três irmãos                          |
| Fortaleza      | Jovem                        | Um irmão                                   |
| Luziânia       | Jovem                        | Dois irmãos                                |
| Maceió         | Jovem                        | Um primo (morto pelo próprio entrevistado) |
| Porto Alegre   | Jovem                        | Tios e primos                              |
| Porto Alegre   | Jovem                        | Tios e primos                              |
| Recife         | Adolescente                  | Pai e dois irmãos                          |
| Recife         | Jovem                        | Dois irmãos                                |
| Recife         | Jovem                        | Tio materno                                |
| Rio Branco     | Jovem                        | Um irmão (morto pelo próprio entrevistado) |
| Rio de Janeiro | Jovem                        | Um irmão                                   |
| Salvador       | Jovem                        | Um irmão                                   |
| Vitória        | Jovem                        | Dois irmãos                                |
| Vitória        | Jovem                        | Um irmão                                   |

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Considerando o total de entrevistados que mencionaram suas famílias, 14,5% afirmaram ter familiares assassinados, resultado quase sete vezes superior aos 2,1% de jovens que declararam ter tido parentes assassinados na etapa Narrativas da Violência: Riscos e Histórico, deste Projeto, conforme Gráfico 5.

**Gráfico 5 – Proporção de jovens que declaram ter pessoas próximas vítimas de homicídio, segundo grupos de exposição a risco de violência**

## Distribuição dos Jovens segundo Grupos de Exposição com 1 ou Mais Pessoas Assassinadas (%)



A maior porcentagem de adolescentes e jovens institucionalizados que declararam ter tido familiares assassinados em relação aos demais jovens que participaram deste Projeto está, em parte, relacionada ao envolvimento dos familiares daqueles jovens com atos ilícitos (principalmente tráfico de drogas), tema que será tratado a seguir. Em alguns casos, porém, a morte violenta dos familiares ocorreu em decorrência da violência no bairro onde moram (latrocínio, disputas de grupos rivais, grupos de extermínio), questão que será abordada mais adiante neste relatório.

### *Relações familiares e envolvimento com a violência*

O envolvimento de familiares com atos ilícitos, principalmente o pai e a mãe, é considerado, por alguns estudos internacionais, um dos fatores de risco que levam os jovens a também se envolverem com esses atos (MCLAREN, 2000). Uma das questões colocadas pela bibliografia internacional é o quanto o envolvimento dos adultos próximos à criança, ao adolescente e ao jovem transmite-lhes a mensagem de que cometer atos ilícitos não é tão grave, podendo ser até aceitável em certas situações. Um dos possíveis efeitos da chamada “criminalidade parental” é a relativização das regras no momento em que estão sendo internalizadas pelos mais jovens, criando maior flexibilidade na fronteira entre lícito e ilícito.

Entre os adolescentes e jovens entrevistados, boa parte referiu-se ao envolvimento de irmãos e primos, isto é, membros da mesma geração com atos ilícitos. Essa questão será retomada no item

que aborda os grupos de pares, neste relatório. Foram poucos os relatos de jovens com pais e mães envolvidos com atos ilícitos (5,9% do total de entrevistados que mencionaram suas famílias), como pode ser observado no Quadro 2.

**Quadro 2 – Adolescentes e jovens entrevistados que declararam o envolvimento do pai e/ou da mãe com atos ilícitos**  
**Municípios pesquisados – 2009/2010**

| Municípios     | Faixa etária do entrevistado | Familiares envolvidos com atos ilícitos                                            |
|----------------|------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| Brasília       | Jovem                        | Mãe está presa por tráfico de drogas. Já esteve presa outra vez pelo mesmo motivo. |
| Luziânia       | Jovem                        | Pai esteve preso por roubo e tráfico de drogas. Mãe também já foi presa.           |
| Rio de Janeiro | Adolescente                  | Pai esteve preso.                                                                  |
| Rio de Janeiro | Adolescente                  | Pai era assaltante.                                                                |
| Rio de Janeiro | Adolescente                  | Pai e mãe eram traficantes de drogas.                                              |
| Fortaleza      | Jovem                        | Pai era traficante de drogas.                                                      |
| Fortaleza      | Jovem                        | Padrasto era envolvido com drogas. Mãe passou também a vender drogas.              |

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Embora este resultado indique a pouca relevância da “criminalidade parental” como fator que contribuiu para o envolvimento dos entrevistados com atos ilícitos, seriam necessários novos estudos a fim de isolar essa variável, antes de desconsiderá-la. Nesse sentido, novas pesquisas longitudinais, que fogem do alcance desse projeto, podem auxiliar a verificar em que medida filhos (e filhas) de pais e mães que tinham carreiras criminosas acabam seguindo o mesmo caminho.

Se o envolvimento de pais e mães não foi representativo, o mesmo não pode ser dito de outros familiares. Além dos dados sobre irmãos e primos (que serão tratados adiante), chama a atenção o número relativamente representativo de entrevistados (14,5% do total) que declararam ter tios envolvidos com atos ilícitos, conforme mostra o Quadro 3.

### Quadro 3 – Adolescentes e jovens entrevistados que declararam o envolvimento de tios com atos ilícitos

Municípios pesquisados – 2009/2010

| Municípios     | Faixa etária do entrevistado | Familiares envolvidos com atos ilícitos                                       |
|----------------|------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|
| Belém          | Adolescente                  | Tio era traficante de drogas.                                                 |
| Belo Horizonte | Adolescente                  | Tio era envolvido com drogas, mas nunca esteve preso.                         |
| Brasília       | Adolescente                  | Tio tem passagem pelo sistema prisional.                                      |
| Curitiba       | Adolescente                  | Tio (marido da tia) vendia drogas, dois outros tios são usuários.             |
| Fortaleza      | Adolescente                  | Tio paterno.                                                                  |
| Luziânia       | Adolescente                  | Tio esteve preso.                                                             |
| Porto Alegre   | Jovem                        | Tios e primos envolvidos com roubo e tráfico de drogas (alguns já falecidos). |
| Porto Alegre   | Jovem                        | Tios e primos envolvidos com tráfico de drogas, alguns falecidos.             |
| Porto Alegre   | Jovem                        | Um tio e três primos presos.                                                  |
| Recife         | Jovem                        | Tio materno com quem morava era envolvido com roubo.                          |
| Recife         | Jovem                        | Tio era traficante, mas parou depois de seis anos de prisão.                  |
| Rio Branco     | Jovem                        | Tio está preso por tentativa de estupro.                                      |
| Rio Branco     | Adolescente                  | Tio teve envolvimento com drogas.                                             |
| Rio Branco     | Jovem                        | Tio esteve envolvido com tráfico, mas largou.                                 |
| São Paulo      | Adolescente                  | Tio está preso.                                                               |
| Vitória        | Adolescente                  | Tio envolvido com drogas, mudou-se para o Rio de Janeiro.                     |
| Vitória        | Adolescente                  | Tio, que é usuário de drogas, está preso.                                     |

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

#### *Relações familiares e proteção contra a violência*

Se, por um lado, as relações familiares podem agravar a exposição à violência por meio da violência doméstica ou contribuir de alguma maneira para o envolvimento de adolescentes e jovens com a violência, por outro, elas também podem ser fontes de proteção e oferecer apoio afetivo no sentido tanto de diminuir o estresse causado pela privação de liberdade quanto de abrir outras perspectivas de futuro para além da carreira criminosa.

Enquanto a experiência da privação de liberdade, a convivência com outros indivíduos com trajetórias criminosas e a exposição à violência no bairro levam os entrevistados a se identificarem com os rótulos de “ladrão”, “matador”, “traficante”, as relações familiares apresentam-lhes outras identidades sociais possíveis, ora já vividas pelos entrevistados em outros momentos de suas trajetórias, ora sonhadas ou almejadas por eles como experiências que ainda desejam viver.

Na primeira situação, destacaram-se os relatos das relações familiares de origem, principalmente aquelas relativas à relação mãe-filho, conforme relato apresentado a seguir.

*E: E sua mãe? Como é que foi?*

*J: Minha mãe. Olha, eu vou falar para você. Ela ficou muito abalada. Minha mãe, ela sofreu muito, sofreu muito.*

*E: E seu pai?*

*J: Meu pai também sofreu muito. Chegaram até a ficar internado no hospital, tudo, porque eles viam, eles sabiam que, no fundo, no fundo, eu era uma pessoa boa para eles. Mas tinha pessoas que não me conhecia, que tinha medo por eu andar drogado tudo ali e aí só falava mal da gente. Mas o pai e a mãe da gente, que conheceu a gente desde a infância, eles sabem, não enxerga desse jeito.*

(Jovem, entrevistado em Curitiba, 25 anos, institucionalizado por roubo, não tinha envolvimento anterior com atos ilícitos).

A maior parte dos adolescentes e jovens entrevistados mantém o convívio com suas mães, sendo poucos os que mencionaram a ruptura de convívio ou algum tipo de sentimento de frustração ou mágoa em relação a elas (5,9% do total de entrevistas que abordam as relações familiares de origem). Também foram poucos os casos em que os entrevistados não recebem visitas dos familiares (menos de 3%) e a presença da mãe foi bastante mencionada. As visitas familiares, aliás, parecem ser foco de grande ansiedade por parte desses jovens, pois há o receio de serem abandonados na prisão.

*E: Alguém vem te visitar aqui?*

*J: Vem sim.*

*E: Quem é?*

*J: Minha família.*

*E: Sua mãe?*

*J: Mãe, pai, cunhada, irmã, irmão, colegas...*

*E: E o seu relacionamento com a sua família mudou depois que você veio pra cá?*

*J: Aumentou ainda mais o afeto.*

*E: Mudou então para melhor.*

*J: Para melhor. Porque, até então, pessoas que eu não pensava que eram ligadas comigo, a partir desse momento que eu caí aqui, foi que eu vi e senti mesmo que tinham uma ligação muito forte. E não foi porque eu errei, que estou aqui, que eles me abandonaram não. Disseram o seguinte: "Você errou. Mas nem por isso a gente vai abandonar você". Entendeu?*

(Jovem, entrevistado em Maceió, 24 anos, institucionalizado por homicídio, não quis informar sobre envolvimento com outros atos ilícitos).

Na segunda situação, isto é, das relações familiares como possibilidade de os entrevistados viverem outras identidades sociais até então não vividas, destacaram-se os relatos sobre a relação do entrevistado com seus filhos (reais ou sonhados).

*J: Quando eu caí preso, eu não vi ela na barriga da mãe dela, não vi ela nascer. Eu conheci ela com seis meses aí dentro da cadeia. Dos seis meses eu conheci... Convivi com ela até os 11 meses, que daí a mãe dela vinha aí. Depois, se separamos e não vi mais ela.*

*E: A mãe dela não traz mais ela?*

*J: Não. Agora, esse mês a minha mãe vai trazer ela, porque eu fiz uma procuração para a minha mãe trazer, que eu estou casado com outra mulher hoje.*

*E: Entendi.*

*J: Daí, eu vou ver ela esse mês.*

*E: Você tem só uma filha?*

*J: Só uma filha.*

*E: Qual que é o nome dela?*

*J: É.*

*E: É., tem três anos. E você não vê a quanto tempo mesmo?*

*J: Faz dois anos.*

*E: Faz dois anos?*

*J: Faz dois anos e um mês.*

*E: Hoje em dia ela fala já, né?*

*J: Já fala, já tudo.*

*E: E você imagina que ela te reconheça? Com três anos?*

*J: Quando falam no meu nome pra ela, ela fala: "O pai A.?". Ela sabe.*

*E: E qual o sentimento que te traz?*

*J: Traz? Traz saudade do tempo que eu vi ela aí dentro. Ela era neném de colo, e hoje ela já está caminhando, já tá falando, tá correndo. Poucas lembranças que eu tenho dela aí. É um sentimento... Para mim, é um sentimento bom.*

*E: E você acha que mudou alguma coisa em você? Antes de você ter filho e depois?*

*J: Depois do nascimento dela? Bah, mudou muito. A responsabilidade. Antes, eu não pensava muito. Pensava em mim. Hoje eu tenho alguém para pensar. Pensar nela, no futuro dela. É isso que mudou bastante.*

(Jovem, entrevistado em Porto Alegre, 23 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 12 anos, tendo se envolvido anteriormente em porte de arma e roubo).

*J: O meu sonho foi sempre ter um filho. Só que as meninas nunca me deram filho, não.*

*E: Você já tentou ter filho, então?*

*J: Já, mas elas não queria, que eu só vivo preso. E eu não posso sustentar um menino vivendo preso.*

*E: Mas você ainda quer ter um filho, então?*

*J: É meu sonho.*

*(...)*

*J: Ainda quero ter uma esposa e mudar de vida. Porque eu só vou ter juízo mesmo assim quando eu arrumar uma mulher e fazer um filho nela. Aí, eu vou me preocupar mais com eles dois.*

(Jovem, entrevistado em Rio Branco, 19 anos, institucionalizado por roubo, iniciou sua trajetória no crime com 10 anos, tendo se envolvido anteriormente com roubo e homicídio).

## Jovens, grupos de pares e violência

As pesquisas sobre a influência do grupo de pares no envolvimento com atos ilícitos partem do pressuposto teórico de que a internalização de regras de conduta e identidades sociais pelos adolescentes e jovens não depende somente de sua relação com os adultos (geração anterior), mas resulta também da forma como essas regras e identidades serão negociadas entre os membros de uma mesma geração (DUBAR, 2005). Essas pesquisas observam, por isso, os processos de socialização horizontal, isto é, os efeitos das relações intrageracionais no modo de os jovens agirem e se identificarem entre si e com outros grupos sociais.

Em levantamento de pesquisas realizadas em alguns dos países membros da Commonwealth sobre o envolvimento de jovens com atos ilícitos,<sup>2</sup> o Ministério de Assuntos da Juventude do governo neozelandês produziu o relatório *Tough is not enough – getting smart about youth crime* (MCLAREN, 2000),<sup>3</sup> apresentando diferentes fatores que, conforme apontam as pesquisas, podem levar os jovens a se envolverem com atos ilícitos. Entre os fatores, chamados “de risco”, há aqueles relativos à influência do grupo de pares, isto é, de outros jovens da mesma geração. Assim, são considerados fatores de risco:

- o envolvimento de irmãos com atos ilícitos;
- o envolvimento de amigos e colegas com atos ilícitos;
- o fato de ser membro de gangue.

Com base nesses fatores, foram analisadas as falas dos adolescentes e jovens entrevistados na etapa Narrativas da Violência: Institucionalização, do Projeto Juventude e Prevenção da Violência. Apresentam-se, a seguir, os principais resultados.

### *Irmãos e primos*

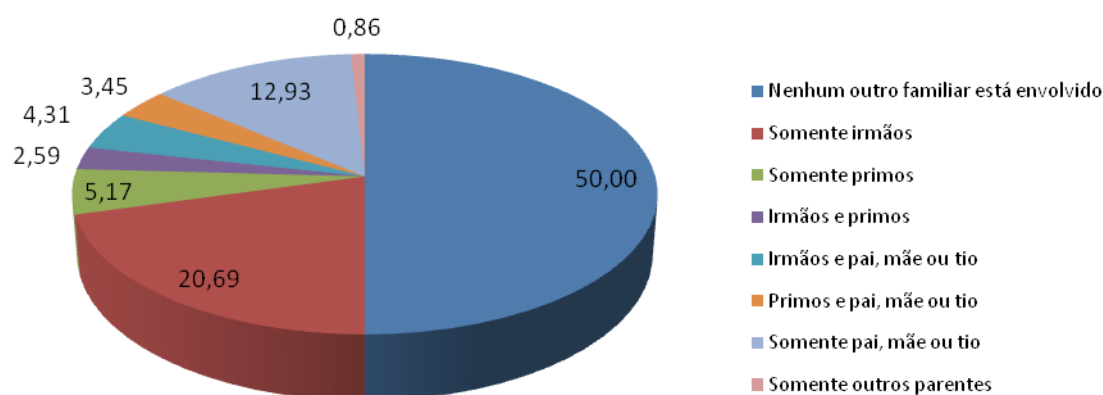
A situação de ter ou não familiares envolvidos em atos ilícitos foi declarada por 116 entrevistados. Desses, metade afirmou que nenhum de seus familiares tinha envolvimento criminal e a outra metade indicou ter ao menos um de seus familiares envolvido em diferentes atos, sendo os mais recorrentes o tráfico de drogas e o roubo (ou “assalto”, segundo os entrevistados).

Como já mencionado anteriormente, não foram encontradas muitas ocorrências de adolescentes e jovens institucionalizados que tenham declarado que seus pais (pai e/ou mãe) tivessem envolvimento em atos ilícitos. Foi maior a porcentagem daqueles que informaram o envolvimento de seus tios, quando se considera, dentro das relações familiares, o recorte das relações intergeracionais. Já a análise das relações familiares intrageracionais (irmãos e primos) mostra uma porcentagem mais expressiva da participação de outros familiares: 36,21% do total de entrevistados que declararam o envolvimento ou não de familiares em atos ilícitos mencionaram, pelo menos, um irmão ou primo, sendo mais representativos aqueles que têm ou tiveram pelo menos um irmão envolvido em atos ilícitos (27,59%).

<sup>2</sup> As pesquisas foram realizadas na África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos. Ver McLaren (2010).

<sup>3</sup> Ser duro não é suficiente – compreendendo a criminalidade juvenil, em tradução livre.

Gráfico 6 – Distribuição dos entrevistados que declararam ter familiares envolvidos com atos ilícitos (%)  
Municípios pesquisados (1) – 2009/2010



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

(1) Correspondem a Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Luziânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória

Se forem considerados os casos de envolvimento com atos ilícitos somente de membros de uma mesma geração (irmãos e primos) (28,45%) e aqueles de envolvimento somente de membros da geração anterior (pai, mãe e tios) (12,93%), observa-se que, dentro de uma mesma família, os membros de uma mesma geração estiveram pouco mais de duas vezes mais propensos a se envolverem com crimes do que os da geração anterior. Dessa forma, em vez de ser considerado somente um fator de risco, o envolvimento de irmãos e primos parece indicar também possíveis mudanças no contexto social, levando um número maior de jovens a seguirem trajetórias criminosas. Os trechos apresentados a seguir ilustram essa questão.

*E: Você tá preso. Tem alguém da sua família que também tá preso ou já teve preso?*

*J: Hum, Hum.*

*E: Quantos dos seus irmãos?*

*J: Era quatro irmão.*

*E: Quatro?*

*J: Era quatro. Era eu e mais três que viviam nessa vida. Mas, um faleceu, outro adoeceu e não se meteu mais, e tem eu e mais um aqui nessa cadeia.*

*E: Tem outro irmão seu preso aqui?*

*J: É, tem outro irmão. Só que ele é mais velho do que eu ainda.*

*(...)*

*E: E esse seu irmão que faleceu, ele faleceu de quê?*

J: Morte... Mataram ele mesmo. Ele saiu da cadeia também.

E: E ele foi assassinado. Ele foi assassinado com arma de fogo?

J: Com arma, foi. Três tiros: um nas costas, um no peito e um na testa.

E: Você sabe por que ele foi assassinado?

J: Eu sei.

E: Foi dívida? Foi...

J: Ah, não... Aí que tem, né? Ele impediu um moleque de tacar fogo em outro moleque. Final de ano. Só que o moleque não conhecia ele e nem ele conhecia o moleque. Aí, eles se embolaram lá na p... E o outro moleque, né, também era ladrão...

E: Ele impediu alguém de... É isso? Alguém ia tacar fogo num menino e ele não deixou?

J: Foi. Lá perto da minha irmã tinha um tubo que tinha uns moleques lá cheirando tinner, cola. E meu irmão tinha acabado de sair da cadeia e não tava conhecendo ninguém. Esses moleque novo. E já cinco anos e pouco com ele na cadeia. Aí, saiu e deu um chega na minha irmã e viu lá, no canto, o corre lá. [Um rapaz] Jogou tinner na cabeça de um moleque lá e, na hora que ele foi riscar o fósforo para tacar fogo no moleque, ele [o irmão] não deixou.

E: Aí, o rapaz...

J: Aí, foi esse outro que ia tacar fogo no moleque já se mordeu e foi lá pra dentro da invasão pegar uma pistola. Meu irmão não estava nem esperando. Nem sabia que ia acontecer isso. Se ele soubesse, não tinha saído para canto nenhum.

(Jovem, entrevistado em Belém, 21 anos, institucionalizado por roubo, iniciou sua trajetória no crime com 9 anos, tendo se envolvido também em homicídio).

J: (...) Na minha família, graças a Deus, nunca teve alcoólatra. Nem meu pai, nem minha mãe. Tudo trabalhador, eles. Só eu mesmo. Perdi dois irmãos no mundo do crime. Ficou só eu só. Eu e um irmão meu. Ele é trabalhador. E só eu que estou nesse mundo aí, do crime.

(...)

E: E qual é a idade dos outros [irmãos]?

J: Eu tô com 28, a idade dos outros... Eles morreram tudo com 17 anos.

E: Os dois morreram com 17 anos?

J: Foi. Mataram tudo com 17 anos.

E: E se eles estivessem vivos?

J: Ele taria com 27. O outro com 20, 23, pois aí.

E: E o mais novo, que você falou que está trabalhando?

J: Ele tem 19 anos. É o mais novo. É o caçula.

E: E daí... e seu pai e sua mãe? Como era a relação com eles? Era tranquila?

J: Era tranquila. Tranquila.

E: Seu pai sempre foi trabalhador?

J: Sempre foi trabalhador, o meu pai. Nordestino trabalhador. Não apoia nada errado. Nem ele, nem minha mãe. Nada.

E: Seu pai trabalha com o quê?

J: Meu pai trabalha de carroça, o meu pai.

(Jovem, entrevistado em Luziânia, 28 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 13 anos, tendo se envolvido com furto e roubo).

## Gangues e grupos de bairro

Segundo o Relatório Internacional de Prevenção ao Crime e Segurança Comunitária do International Centre for the Prevention of Crime – ICPC de 2008, há um consenso de que ser membro de uma gangue aumenta consideravelmente a probabilidade de o jovem se envolver com atos ilícitos (ICPC, 2008, p.75). No entanto, como apontado pelo referido relatório, o termo “gangue” é utilizado para definir um leque amplo de situações em que adolescentes e jovens encontram-se associados em grupos, sendo, por isso, um termo de pouca precisão. Não obstante, indica o relatório, há alguns fatores convergentes relacionados ao surgimento de gangues, tais como: baixa escolaridade e educação profissional; desemprego; desigualdade de oportunidades; exclusão social; pobreza; e urbanização (ICPC, 2008, p. 75).

Ao analisar a literatura norte-americana sobre gangues, Antonio Sérgio Spagnol também aponta a deterioração das condições de vida e o caso como explicações consensuais para o surgimento de gangues:

*Com a deterioração das condições de vida das classes menos favorecidas e o retraimento do Estado nas questões sociais, os adolescentes, principalmente aqueles oriundos de classes menos privilegiadas, buscam novas formas de sobrevivência. Em vez de rejeitarem a cultura econômica prevalecente, as gangues aceitam os princípios dessa cultura e adaptam suas estratégias às oportunidades e aos recursos que poderiam ter. Isso não significa que elas estejam empenhadas em acumular lucro, mas a perspectiva de ganhos, diante de uma situação econômica incerta, atrai certo número de jovens, sobretudo os oriundos de famílias pobres (SPAGNOL, 2005, p. 208).*

O comum entre as gangues, em primeiro lugar, é sua relação com o território. As gangues são coletivos formalizados, nos quais os membros se reconhecem e são reconhecidos pelos moradores daquele território como parte de um grupo. Além disso, seus membros devem praticar certo número de delitos, de modo a serem vistos de forma negativa pelos moradores e pelas autoridades (SPAGNOL, 2005, p. 279).

Nesse sentido, foram poucos os adolescentes e jovens entrevistados que se identificaram como membros de gangues, embora haja relatos sobre disputas territoriais e forte identidade com o bairro onde moram.

*E: E você estudou até qual série?*

*J: Até o primeiro ano do segundo grau.*

*E: Tá, apesar de você... Você começou um pouco mais tarde ou não?*

*J: Não, eu tinha uns sete anos quando comecei.*

*E: Lá em outra cidade, então.*

*J: É, em Alvorada, na fazenda.*

*E: E você foi até o primeiro e daí...*

*J: Parei por causa das guerras. Eu não podia subir pra escola. Vai que os caras... Se eu subisse, os caras iam me matar.*

*E: E como é que era? Era treta de vila? Uma vila contra a outra?*

*J: É, treta de quebrada. Guerra de quebrada.*

*E: E os caras da outra quebrada eram de onde?*

*J: Ah, da quebrada lá de cima. Tinha as quadras. As quadras de baixo e as de cima. Aí, virou guerra de quebrada porque... Eles não ia apoiar eu lá em cima e eu também já não ia gostar deles lá embaixo. Eu sei que não é certo. Eu não sou o dono da rua, né? Mas, tinha que botar lei pra eles não descer porque, se subisse lá, eles matava. Mas hoje em dia tá tranquilo lá.*

(Jovem, entrevistado em Luziânia, 19 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua carreira no crime aos 15 anos, tendo se envolvido com roubo e homicídio).

A identidade com o bairro é uma característica marcante dos adolescentes e jovens entrevistados, pois 86,3% mencionaram ou relataram suas vivências a partir das relações sociais estabelecidas no bairro. O envolvimento com a violência letal e a exposição à violência e criminalidade do bairro foram temas recorrentes das falas, sendo abordados por 71,8% dos entrevistados e serão tratados a seguir.

## Jovens e violência no bairro

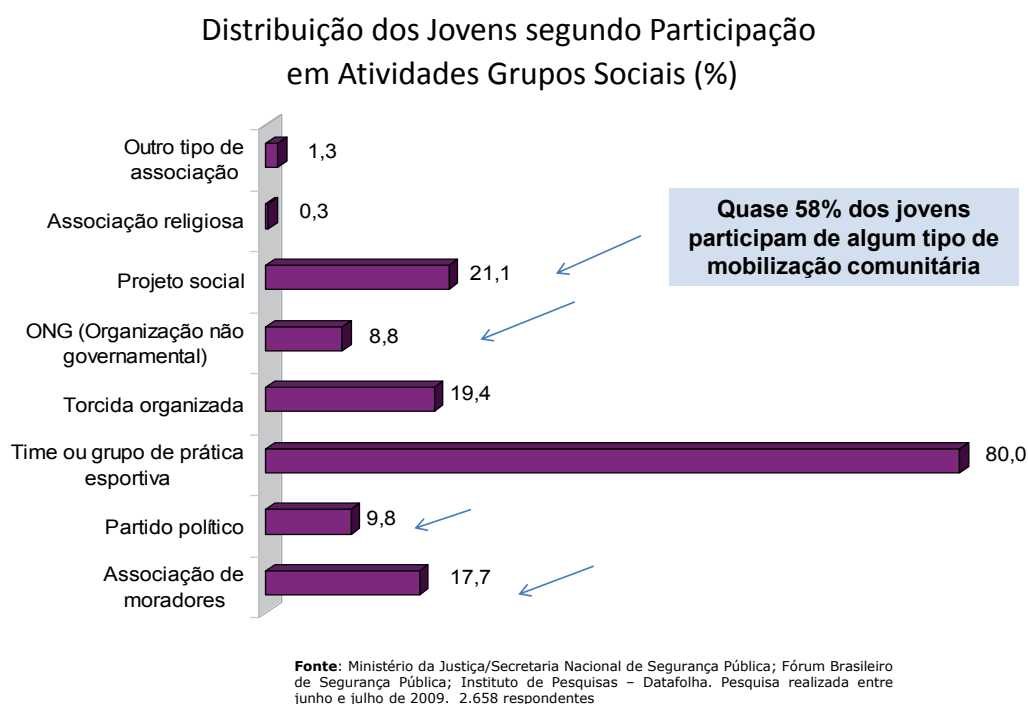
O espaço da rua é importante para a sociabilidade dos adolescentes e jovens entrevistados. Boa parte deles, ao mencionar as brincadeiras de infância, referiu-se a atividades realizadas na rua em companhia de outras crianças da vizinhança, tais como jogar bola, bolinha de gude e empinar pipa. Alguns poucos que não tiveram essa experiência explicaram que a mãe os trancava em casa para poder ir trabalhar, não lhes permitindo o acesso à rua.

Apesar da rua e, numa extensão territorial maior, do bairro serem importantes espaços de sociabilidade, os bairros dos entrevistados<sup>4</sup> apresentam uma infraestrutura urbana caracterizada pela deficiência de equipamentos e serviços públicos. As escolas foram o equipamento público mais presente nas falas dos entrevistados, dado corroborado pelo levantamento da PNAD (IBGE, 2008) referente à tendência crescente de ampliação do acesso à educação no Brasil (esse tema será retomado mais adiante, neste Relatório). Os equipamentos de esporte e lazer, por sua vez, são poucos, sendo o campo e a quadra de futebol, esporte mais popular no país, os mais citados (em alguns casos, são os únicos). Os equipamentos culturais, como teatros, bibliotecas, museus e salas de cinema, são raros nesses bairros, revelando o pouco acesso desses adolescentes e jovens a bens culturais. Casas de shows, normalmente situadas em outros bairros, foram mais mencionadas.

Esta informação contrasta e contextualiza os dados levantados pela pesquisa de opinião disponíveis no primeiro relatório do projeto, que indicam relativa participação dos jovens dos 31 municípios selecionados pelo projeto em projetos sociais, esportivos e ONGs (Gráfico 7). A aparente contradição, ao que tudo indica, é resultado de um processo pelo qual os adolescentes e jovens institucionalizados são, proporcionalmente, ainda mais vulneráveis do que os demais jovens dos municípios selecionados. Seria a indicação da força do território na configuração de trajetórias de envolvimento com a violência.

4 No processo de seleção dos jovens que participariam das entrevistas, foi solicitado às unidades prisionais e unidades de internação que os jovens selecionados para participarem das entrevistas, preferencialmente, deveriam residir, antes de serem privados de liberdade, nas localidades de atuação do Pronasci (definidas no momento em que foi firmado o Termo de Parceria, em dezembro de 2008). Para maiores esclarecimentos, ver Apêndice Metodológico.

## Gráfico 7 – Distribuição dos jovens, segundo participação em atividades de grupos sociais



Assim, além das limitações de acesso a esporte, cultura e lazer, muitos dos adolescentes e jovens entrevistados são moradores de bairros com sérios problemas referentes a serviços essenciais, dos quais se destacam saúde, saneamento básico e fornecimento de água e luz. Somando-se a isso as condições das moradias, algumas das quais situadas em áreas de risco e/ou de contaminação, os entrevistados vivem em bairros onde ainda são necessários diversos tipos de investimento do poder público.

Os bairros dos entrevistados são caracterizados por condições de vida precárias, em que o poder público não atende a muitas das demandas por serviços básicos e essenciais. Esses fatores contribuem para o crescimento do envolvimento dos adolescentes e jovens com atos ilícitos, pois restringem as alternativas de carreiras lícitas que possibilitem algum tipo de melhora nas condições de vida ou mesmo de mobilidade social. Os projetos de inclusão social, sejam por meio do esporte, da educação profissional ou da arte, entre outros, foram pouco citados, indicando também as limitadas perspectivas de melhoria imediata das condições de vida por meio lícito – o que alimenta o fascínio pelos ganhos que os atos ilícitos proporcionam.

Nesse contexto, a rua do bairro, lugar das brincadeiras de infância e das sociabilidades entre vizinhos, é também o espaço onde vão se abrir, na passagem para a adolescência, as possibilidades de inserção na trajetória criminal. A adolescência é um momento decisivo para os entrevistados, sendo poucos os que iniciaram sua trajetória no crime antes dos 12 anos. A partir do relato de alguns deles, percebe-se que, por um lado, há uma expectativa familiar de que os filhos, atingindo a adolescência, passem a contribuir financeiramente com a renda familiar, pressionando uma opção precoce de carreira. Por outro, o tráfico de drogas e os assaltos, atividades reconhecidamente de alto risco pelos entrevistados, exercem também grande fascínio por proporcionarem ganhos imediatos, sejam financeiros ou de prestígio.

O prestígio que os chefes do crime local exercem é simbolizado pelas armas e drogas, bens desejados pelos adolescentes e jovens em sua busca por reconhecimento e pertencimento. Não por acaso, os traficantes são definidos nas entrevistas como os fornecedores do comércio local de drogas e armas. No entanto, segundo aponta Alba Zaluar (1994, p. 102), o fascínio pela figura do bandido só

se opera plenamente quando, “de fato, a força física e armada, bem como a disposição para utilizá-la tornam-se práticas cotidianas que atingem a todos”. (Ou seja, para que a figura do bandido seja fascinante aos adolescentes e jovens, é preciso que eles estejam expostos à violência no bairro de tal forma que reconheçam nos atos ilícitos uma alternativa de autopreservação.

Outro fator comum aos entrevistados, e que está muito presente em suas falas, refere-se às disputas territoriais, as chamadas “guerras”. Também elas, segundo Zaluar, estão relacionadas à valorização da violência e da força, isto é, do ethos da masculinidade:

*Na questão da guerra fica mais claro o entrelaçamento entre a lógica econômica e a cultural do ethos da masculinidade. (...). Pois é claro que as quadrilhas guerreiam entre si pela manutenção de seu espaço, das fronteiras de sua área, com finalidade de ter controle sobre o negócio montado ali. No entanto, esse espaço é representado imaginariamente como tendo uma inviolabilidade que supõe a sua associação com a identidade masculina, com o corpo dos membros da quadrilha. Área invadida é área emasculada. Seus defensores ficam desmoralizados no local. Do mesmo modo que um homem não pode levar ofensa sem dar resposta – “tem que ter volta”, a “área” não pode ser pisada ou tomar tiros sem reagir, o que pode provocar as rixas intermináveis e um processo incontrolável de violência, ou seja, a guerra (ZALUAR, 1994, p. 109).*

Há que se destacar, nesse cenário, o amplo acesso a armas de fogo. Sempre que perguntados sobre isso, os entrevistados afirmaram a facilidade com que se compra ou se aluga uma arma em seus bairros. O valor de compra varia conforme o modelo desejado, sendo que o fornecedor é, além do traficante, a própria polícia.

A análise mais detida da violência letal nos bairros será apresentada a partir dos territórios, isto é, dos municípios e bairros conforme os Estados e regiões (ver Tabela 1), seguindo-se a seguinte ordem: Região Centro-Oeste (Brasília e Luziânia); Região Nordeste (Maceió, Salvador, Fortaleza e Recife); Região Norte (Rio Branco e Belém); Região Sudeste (Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo) e Região Sul (Curitiba e Porto Alegre).

### *Distrito Federal e Luziânia*

No levantamento feito na etapa Vulnerabilidade e Território, deste Projeto, o Distrito Federal foi classificado na faixa de vulnerabilidade média-baixa do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência – IVJ – Violência, indicando, a princípio, condições relativamente adequadas ao desenvolvimento juvenil e menor exposição à violência letal.<sup>5</sup>

Por suas características geográficas, a capital federal reproduz o modelo centro-periferia, no que se refere tanto às condições socioeconômicas da população quanto à distribuição territorial da violência. O Plano Piloto (região central do DF) situa-se geográfica e economicamente no centro, sendo circundado pelas cidades-satélites e pelo chamado entorno, isto é, municípios que estão muito próximos da órbita do Plano Piloto, mas que estão fora dos limites do Distrito Federal. A maior parte dos municípios do entorno pertence ao Estado de Goiás, outros três estão localizados em Minas Gerais.

Tendo como base de análise a relação centro-periferia, quanto mais próximo do Plano Piloto, menor será a vulnerabilidade dos jovens, e quanto mais distante dele, maior será essa vulnerabilidade. Nesse sentido, Luziânia, cidade do entorno do Distrito Federal, apresentou um acréscimo de vulnerabilidade na medição do IVJ – Violência, ficando na faixa dos municípios de média vulnerabilidade.

5 As faixas de vulnerabilidade do IVJ – Violência são, da maior para a menor: muito alta, alta, média, média-baixa e baixa. Ver Projeto Juventude e Prevenção à Violência: Primeiros Resultados.

Entre os adolescentes e jovens institucionalizados entrevistados em Brasília, nenhum habitou ou habitava no Plano Piloto, nem mencionou ter amigos ou outras formas de sociabilidade com adolescentes e jovens moradores no Plano Piloto. Todos eram residentes das cidades-satélites, sendo metade deles proveniente da Cidade Estrutural<sup>6</sup> e os demais de Itapoã<sup>7</sup>, Samambaia e Ceilândia. A Cidade ou Vila Estrutural resulta de uma ocupação irregular que se iniciou logo após a construção de Brasília, na década de 1960. No local, às margens da estrada que liga o Plano Piloto à cidade-satélite de Taguatinga, havia sido instalado um depósito de lixo. As primeiras ocupações foram feitas por famílias de catadores de lixo, sendo a Estrutural habitada por cerca de 35 mil pessoas. Além de estar localizada em área contaminada, a Estrutural tem poucos equipamentos públicos que oferecem serviços básicos à população: há apenas uma escola de ensino fundamental e um posto de saúde. Existe também limitação no atendimento de outros serviços essenciais, como a coleta de lixo, que atende somente 20% das residências.<sup>8</sup>

A situação habitacional da Estrutural é explicada por um dos entrevistados:

*J: Lá, ninguém era dono de nada. Até que... Ninguém tinha cadastro de lote, cadastro de nada. Então, no começo, era uma invasão. Aí, com o tempo, sempre a promessa de regular e... Até hoje. Hoje está regularizado. Muitos têm os lotes nos nomes, têm conta de água e de luz.*

(Jovem, entrevistado em Brasília, 24 anos, institucionalizado por roubo, iniciou sua trajetória com 15 anos, mas também trabalhou em atividades informais lícitas).

A exposição à violência, por sua vez, é descrita por um adolescente para quem a mudança para a Estrutural teve grande impacto em sua trajetória de vida, fazendo-o testemunha e, depois, agente de violência:

*E: Você sempre morou na Estrutural?*

*A: Não, eu morava em Águas Lindas.*

*E: Águas Lindas é onde?*

*A: Goiás.*

*E: No interior?*

*A: Não, é no entorno.*

*E: E você ficou lá até que idade?*

*A: Até meus 12 anos.*

*E: Você nasceu lá?*

*A: Não, eu nasci aqui no Hospital de Taguatinga.*

*E: E, daí, morou lá até os 12 [anos], e com 12 foi para a Estrutural?*

*A: Foi.*

*E: Conta pra mim, como é lá na Cidade Estrutural?*

*A: É muito ruim. É muita violência lá.*

*E: Muito ruim a violência? Tem muita presença de drogas?*

*A: Tem, bastante.*

*E: E acontece muita morte pra lá? Tem muita treta? Essas coisas assim?*

*Jovem balança a cabeça, concordando.*

*(...)*

*E: Por que é que você veio pra cá? Qual que foi o teu delito?*

*A: Homicídio.*

*E: E por que é que foi?*

6 Estrutural era uma das localidades (região administrativa ou cidade-satélite, no caso do Distrito Federal) de atuação do Pronasci.

7 Itapoã também era localidade de atuação do Pronasci no DF.

8 Dados disponíveis no sítio da Fundação Banco do Brasil: <<http://www.fbb.org.br/portal/pages/publico/expandir.fbb?codConteudoLog=6548>>.

A: Por causa de futebol.

E: Tava jogando bola na rua?

A: Tava jogando bola lá e eu fiz uma jogada que o cara não gostou. Aí, começou...

E: O que foi? Você deu um drible nele?

A: Dei um drible nele. Aí, os caras começaram a zoar dele. Aí, ele foi na casa dele e pegou a arma dele e botou na minha cabeça. Aí, eu, com medo de morrer... Aí, ele não atirou, né? No outro dia, eu, com medo de morrer, fui e matei ele.

(Adolescente, entrevistado em Brasília, 16 anos, institucionalizado por homicídio).

O tema “matar para não morrer” aparece também nas falas dos entrevistados de Luziânia e nem sempre está relacionado a confrontos pelo domínio dos pontos de comércio de drogas. Como pode ser observado nos relatos apresentados a seguir, as “guerras” entre grupos rivais parecem estar mais relacionadas a disputas entre jovens que fazem de seu território, o bairro, fonte de sua identidade enquanto grupo social. Essa relação entre grupo de jovens e território se aproxima mais do fenômeno descrito na literatura como de gangues (SPAGNOL, 2005), do que propriamente com o crime organizado (MINGARDI, 1998).

E: E, me conta, como é o lugar que você morava?

A: O lugar que eu moro é tranquilo, ué? Mas agora que o trem tá... Tá louco, aí. Guerra demais. Esse povo aí...

E: Guerra? Mas que tipo de guerra?

A: Esse povo tá em guerra, uma quebrada contra a outra.

E: E o que é uma quebrada?

A: É, tipo, a chapada contra o morro, dois bairros.

E: É um bairro, ou é um grupo de pessoas? Como é que é? Gangue?

A: É um bairro contra o outro.

E: E todo mundo desse bairro está contra todo mundo do outro bairro, é isso? As pessoas comuns também?

A: Não. Quem subir lá, se for daqui de baixo, leva tiro também, né?

E: Ah é? Qualquer pessoa?

A: É. Os que descer de lá também... Se descer aqui, também leva tiro.

E: E por que é que está essa guerra?

A: Por causa que mataram um cara aí e começou essa guerra.

E: Mataram de um lugar...

A: Mataram um cara aí, porque o bicho era de boi, e começou a guerra. O cara tinha uns amigos aí.

E: E você tem amigos aqui no Fumal?

A: Eu tenho uns amigos que moram aqui no Fumal, mas tenho uns parentes, uns primos que moram lá no morro também.

(...)

E: Alguém na sua família tinha problema com álcool ou com droga?

A: Só eu mesmo... Tem uns primos que são tudo desvirtuoso.

E: E algum deles já teve passagem pela...

A: Tem uns quatro que já.

E: É? E quais os motivos?

A: Só homicídio.

E: Só homicídio? E por que você acha que acontece com frequência esses homicídios?

A: Ah, o povo está em guerra, né? Aí, eles matam pra não morrer, né?

E: E tem muita guerra aqui onde você mora?

A: Tem. Esse povo aí, agora. Antes era tranquilo, agora começou essas guerras aí.

E: Esse povo é de fora?

A: Não, é daqui. O setor Fumal contra o morro.

E: Entendi. E antes era diferente por quê?

A: Porque antes todo mundo conversava, todo mundo era tranquilo. Agora que...

E: Mudou tudo?

A: É.

(Adolescente, entrevistado em Luziânia, 16 anos, institucionalizado).

E: Dava muita treta por causa de piche? Um atropelar o outro?

J: É o que mais rola. Já tive muitos amigos que perderam a vida também por causa disso.

E: Por causa de piche?

J: Pichação.

E: De atropelo? De um atropelar o outro? É o que dava mais treta?

J: E matar também. Mas, perdi um monte de amigo já assim. Atropelava o nome do outro. E já ia, cobrava e matava.

(...)

E: E o que essa rapaziada com quem você se envolveu está fazendo hoje?

J: Uns tá robando e outros, morrendo. Uns já morreram lá, outros já morreram. Tá gerando mais guerra.

E: O Alvorada [Parque Alvorada, onde o jovem reside] é perto do Ingá [Jardim Ingá, outro bairro de Luziânia], não?

J: É, perto do Ingá mesmo. Só que é antes, é na entrada de Luziânia.

E: É, tipo, do mesmo jeito, assim?

J: É, mesmo jeito.

E: Quebrada e tal...

J: É.

E: E tem treta nas duas vilas ou é aliado?

J: Não, tem treta.

(Jovem, entrevistado em Luziânia, 19 anos, institucionalizado por homicídio, tendo se envolvido em outros homicídios).

As disputas territoriais entre grupos de jovens mostram que o envolvimento com violência letal não decorre somente da entrada no crime organizado. Isso não significa, contudo, que o tráfico de drogas não esteja associado à violência letal ou que não ocorra nos bairros dos entrevistados. A ligação com o tráfico de drogas, como traficante ou usuário (situação que caracteriza alguns dos grupos de jovens), é um dos fatores presentes nos bairros dos entrevistados que contribui fortemente para seu envolvimento com violência letal, mas não é o único.

Outros motivos apontados pelos entrevistados de Brasília e Luziânia estão relacionados a um complexo código local de condutas, cujos deslizos podem levar à morte. Há regras específicas daqueles que estão inseridos em carreiras criminais, tais como acordos entre parceiros, cujo desrespeito pode levar à morte de um deles. Nesse sentido, houve mortes causadas por problemas na divisão do produto do roubo e também pela definição de propriedade das armas de fogo. Há também regras que permeiam as relações entre os que estão inseridos em carreiras criminais e os demais moradores do bairro: por exemplo, alcaguetar, isto é, denunciar outros moradores, tornar-se informante da polícia é uma conduta necessariamente punida com a morte.

Todas as situações narradas anteriormente tiveram seu desfecho letal potencializado pelo amplo acesso a armas de fogo. Nas falas de todos os entrevistados, matar, dar tiro, levar tiro tornam-se ações corriqueiras e cotidianas, relevando o quanto esses jovens, moradores desses bairros, não encontram muitos obstáculos para obter uma arma de fogo.

## Maceió, Salvador, Fortaleza e Recife

Das três únicas capitais que aparecem no ranking dos 43 municípios mais vulneráveis, segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, duas estão na Região Nordeste (Maceió e Recife) e uma no Norte (Belém). Maceió ocupa a 13ª posição e é a primeira entre as capitais brasileiras nesse ranking.

A organização dos bairros da cidade parece seguir a lógica centro-periferia, sendo o centro a parte litorânea da cidade, chamada pelos entrevistados de “parte baixa”. Conforme explica um deles:

*E: E quando você veio para Maceió, você morou onde?*

*J: Morei aqui no Benedito Bentes.*

*E: E como é que era esse bairro, o Benedito Bentes? Como você diria pra gente, que não conhece?*

*J: Ah, é um bairro alto, bom de se morar. Não é como a parte baixa, como lá em baixo, Mangabeira, Ponta Verde (...), mas é um bairro legal.*

*E: Ah, sei. Parte baixa, quando vocês falam, é litoral, ali?*

*J: Isso, é a zona nobre.*

*E: Ah, certo. E o Benedito Bentes é um bairro violento? Era na sua época?*

*J: Normalmente... Tinha aquelas ocasiões, como normalmente nos outros bairros, não é? Mas é classificado como um dos bairros violentos aqui de Maceió.*

(Jovem, entrevistado em Maceió, 25 anos, institucionalizado por homicídio, mas não quis entrar em detalhes sobre o crime ou outros atos ilícitos).

O Benedito Bentes foi o bairro mais citado pelos adolescentes e jovens entrevistados em Maceió<sup>9</sup>. O bairro foi construído em 1986 no formato de conjuntos habitacionais populares, em área distante do centro da cidade. Benedito Bentes tem uma associação de moradores a qual organizou, em 2002, um trabalho de planejamento do bairro.<sup>10</sup>

Um dos adolescentes, que foi morar em Benedito Bentes após passar seus primeiros anos no Vergel do Lago, descreve assim seu bairro:

*E: O que você mais lembra do Benedito? Do bairro? De quando você era moleque? (...)*

*A: Ia tomar banho de rio. (...). Ia pegar cana mais os cara.*

*E: É mesmo? Cana... Brincava muito? Brincadeira de rua e essas coisas?*

*A: Brincava.*

*E: E tinha muitos amigos lá no bairro?*

*A: Tenho.*

*E: E quantos amigos, D., você já perdeu? Que foram assassinados...*

*A: Uns quatro pra cinco.*

*E: E tudo da tua idade? Mas, foi por briga de tráfico ou...*

*A: Tráfico. E ia roubar também.*

(Adolescente, entrevistado em Maceió, 17 anos, institucionalizado como cúmplice em homicídio).

A referência a experiências próximas à vida rural durante a infância foi uma das características específicas dos entrevistados de Maceió. Além do banho de rio e cana, foi mencionada a presença de cavalos e bois nas ruas de outro bairro, o Tabuleiro do Martins, também mais afastado do centro.

<sup>9</sup> Em Maceió, os bairros de atuação do Pronasci – de onde, preferencialmente, deveriam vir os jovens selecionados para participar das entrevistas exploratórias – eram Vargem do Lago, Benedito Bentes, Jacintinho e Tabuleiro.

<sup>10</sup> Consultado em <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Bairros&Id=11>>.

De modo geral, os entrevistados descrevem seus bairros sem muitos detalhes, mencionando as situações de violência sem se aterem muito a elas. Em todas as vezes em que o tema da violência no bairro apareceu nas falas dos entrevistados, ele esteve associado ao tráfico de drogas e em somente um caso foi mencionada a questão rixa pessoal, razão pela qual o entrevistado afirmou não pretender voltar a seu bairro de origem após a prisão.

A rixa e o tráfico de drogas também foram as questões que estiveram relacionadas ao bairro nos relatos dos adolescentes e jovens de Salvador. Porém, diferentemente das outras cidades, os entrevistados de Salvador pouco mencionaram o bairro de origem e o eventual contexto de violência nele (dos cinco entrevistados, apenas dois, um adolescente e um jovem, o fizeram). O que diferenciou os relatos de Salvador foi a menção do termo “bonde”:

*E: E tu era de bonde, gangue, alguma coisa assim?*

*A: É, bonde.*

*E: E tinha quantas pessoas no teu bonde?*

*A: Umas vinte pra trinta.*

*E: Vinte pra trinta? E todo mundo fazia correria?*

*A: É, a gente praticava e roubava.*

*E: Mas, como é que se divide isso? (...)*

*A: Cada um tem o seu. (...) E lá tem rixa.*

*E: Que bairro?*

*A: O bairro que meu pai mora tem rixa com o bairro onde eu fico.*

*E: E o teu pai mora onde?*

*A: No Beira Rio.*

*(...)*

*E: E o bonde? Que tem o bonde de vinte, trinta pessoas. Desses aí, já deve ter alguém que tá preso...*

*A: É, tem um bocado preso.*

*E: Tu já perdeu algum amigo?*

*A: Já.*

*E: Quantos, mais ou menos?*

*A: Uns três.*

*E: E morreram de rixa...*

*A: Foi, de rixa. Tinha um que foi polícia.*

*E: Certo. Aí, tinha o traficante, que compra as drogas...*

*A: É.*

*E: Esse cara tem muita grana pra comprar. E distribui para vocês saírem vendendo?*

*A: É.*

*E: Lá [em Recife] fica “vapor” e aqui, como é? Avião? Tem avião aqui?*

*A: É... tem avião não aqui. Aqui chama de “menino bom”.*

*E: “Menino bom”? Que é o menino que tá vendendo?*

*A: É, é.*

*E: E vocês vendiam onde? Qual local? No bairro mesmo?*

*A: É, no bairro.*

(Adolescente, entrevistado em Salvador, 17 anos, institucionalizado por roubo, iniciou sua trajetória no crime com 14 anos, tendo se envolvido também com tráfico de drogas).

Em Fortaleza, os adolescentes e jovens entrevistados eram, em sua maioria, moradores do Bom Jardim<sup>11</sup>, cuja infraestrutura se destaca em relação à de outros bairros analisados, nas entrevistas exploratórias. Há equipamentos de esporte, lazer e cultura, além de projetos sociais da prefeitura.

11 Bom Jardim foi a localidade de atuação do Pronasci selecionada nas entrevistas exploratórias em Fortaleza.

Alguns dos equipamentos, como Centro Cultural Bom Jardim, inaugurado em 2006, não foram mencionados. Outros, como um ponto de lazer, com piscina e quadra poliesportiva, e um campo de futebol society, foram apontados, por alguns dos entrevistados, como equipamentos dos quais faziam uso.

Os relatos sobre exposição e envolvimento com a violência permearam todas as falas dos entrevistados do Bom Jardim. As razões mais apontadas por eles para a violência letal no bairro foram as rixas, os acertos de contas, as “tretas”, as brigas de traficantes e os confrontos com a polícia. Os relatos de dois entrevistados, um adolescente e um jovem, englobam as principais questões apresentadas pelos demais:

*E: E quem você conhece que está preso? É amigo seu?*

*A: Tem um bocado de gente que tá presa.*

*E: Por conta de que eles estão presos?*

*A: Roubando, matando.*

*E: É? Acontece muito isso lá no bairro que você morava?*

*A: Muito, direto. (...). É gente morrendo direto: só dá Bom Jardim.*

*E: Mas por que você acha que morre tanta gente lá?*

*A: Acerto de contas.*

*E: Por causa de droga ou por causa de outras coisas também?*

*A: Por causa de drogas. Por causa de outras coisas. Mete lá uma pessoa e a pessoa vem atrás e mata.*

*E: É? Mas, aí, o pessoal que vem atrás é de outros bairros ou do Bom Jardim?*

*A: Outros lugares.*

*E: Mas, como é que eles vão atrás? Como é que eles sabem que vocês estão lá? Como eles sabem que o ladrão está lá?*

*A: Alcagueta adoidado.*

*E: Mas, quem que... Assim, alguém que tava junto? Alguém que viu?*

*A: Alguém que viu. Alcagueta assim, mas na frente da gente não.*

*E: É?*

*A: Se alcaguetar na frente não dá certo não.*

*E: Mas o que acontece?*

*A: Um bocado de coisa com ele.*

*E: Morre?*

*A: Hum... Porque, do jeito que eles vêm para matar a gente, a gente também pode matar.*

*E: Entendi. E tem muita rixa lá no bairro, de um grupo contra outro grupo?*

*A: Não, só treta mesmo.*

*E: O que é treta?*

*A: Assim, que já tem furo desde pivete. Pronto: eu sou bem pequenininho, aí, dou um murro numa pessoa e aquela pessoa cresce...*

*E: E depois vem atrás?*

*A: É.*

*E: Tem briga de traficante lá?*

*A: Tem.*

*E: Mas é briga disputando espaço? Um brigando pela boca do outro?*

*A: É, disputando espaço.*

*(...)*

*E: E nesses dances, assim, acontece muita briga com o pessoal ou é tranquilo?*

*A: Acontece.*

*E: Por que é que tem briga?*

*A: Porque tem uns ficando com a mulher dos outros.*

*E: O pessoal vai armado para esses dances?*

A: Só umas pessoas.

E: E acontece, assim, briga de tiro? Faca também? Não?

A: Só revólver. Não tem mais esse negócio de faca, não. Só revólver mesmo.

(Adolescente, entrevistado em Fortaleza, 15 anos, institucionalizado por roubo)

E: Você tinha muito amigo, assim, de criança?

J: Tinha muito amigo.

E: E você sabe o que aconteceu com eles? Eles também foram presos ou não? Eles seguiram outro caminho? Foram trabalhar?

J: Muitos deles hoje se encontram com famílias lá fora. Foram trabalhar. Tem uma parte... Ficou dividido, né? Uma parte foi pro crime e a outra... Mas a minoria foi pro crime. A maioria foi pro lugar certo.

E: Você tem amigos, assim, que já morreram? Que foram mortos?

J: Vários amigos.

E: Vários? E eles foram mortos de que jeito? Pela polícia, por brigas, por inimigos?

J: Por inimigos e pela polícia.

E: E quantos, mais ou menos, você lembra que foram mortos?

J: Na faixa de uns treze amigos meus, assim, amigos mesmo da infância.

E: Três?

J: Treze.

E: Treze que já estão mortos... E você chegou a ver alguma vez morrendo? Já chegou a ver alguém morrendo, levando tiro perto de você?

J: Não. Ah, cheguei a presenciar uma vez um cara que participou de uns crimes comigo a levar uns tiros. Só que eu, na hora que eu tinha participado do crime com ele, nós tínhamos tirado a vida de duas pessoas, e depois vieram para a cobrança, né? Eu tava conversando com ele e disse assim: "Eu vou na Fazenda e venho já. Só vou lá usar uma droga e venho já". Quando cheguei na entrada dos apartamentos que eu escuto os disparos, que eu olho pra trás, vejo só ele caindo. Aí, eu não esperei, que eu olhei lá a cobrança.

E: Você fugiu?

J: Foi. Eu saí.

(Jovem, entrevistado em Fortaleza, 26 anos, institucionalizado por roubo e tentativa de homicídio, tendo se envolvido em homicídio).

Em Recife, 22º lugar no ranking dos 43 municípios mais vulneráveis do IVJ-V, os relatos dos adolescentes e jovens são bastante semelhantes dos demais das outras capitais nordestinas pesquisadas. Falar do bairro foi mencionar as relações com os amigos de infância e seu envolvimento com carreiras criminais, os desfechos de algumas delas (prisões e mortes), o fácil acesso a drogas e armas (cujos preços podem variar de R\$ 300,00 a R\$ 1.000,00, conforme o tipo de arma, segundo um dos entrevistados), a convivência corriqueira com homicídios e a atuação violenta da polícia. É importante ressaltar as dificuldades apontadas por alguns entrevistados para saírem da carreira criminosa, principalmente se voltarem ou permanecerem em seus bairros de origem.

E: Se você pudesse mudar alguma coisa na sua vida, o que é que você mudaria?

J: Se eu pudesse mudar mesmo, eu só queria apagar esses inimigos todinhos que eu tenho. Assim, eu voltava já, assim, (...).

E: É, tipo, uma proteção?

J: É, tem que... Porque, mesmo com fé em Deus, se tu sair, de todo jeito, os inimigos fica. E os inimigos não vão deixar de ser criminoso, não. A gente vai deixar, mas inimigo, não. Aí ele vem, "Ô, seu fulano", e mata o fulano.

(Jovem, entrevistado em Recife, 22 anos, institucionalizado por roubo, tendo se envolvido com latrocínio na adolescência).

*J: Quando você vive um tempo na vida errada, as pessoas já vão querer lhe matar, com inveja. Tá entendendo? Tô dando um exemplo. Esses aí vão querer tirar minha vida porque eu tenho uma roupa boa, tenho uma arma, já tenho conhecimento de tudo. Tá entendendo? Aí, outras pessoas vão querer me matar. Aí, chegou o momento que as pessoas queriam tirar a minha vida.*

*E: As pessoas da outra favela?*

*J: Foi. Já queria tirar a minha vida. Aí, chegou o momento que, muitos contra mim, aí, eu fui para outro canto. Tá entendendo? Eu tava até conversando com uma pessoa, aí a gente... Bom, nesse dia, eu tava conversando com uma pessoa, que eu tinha chegado – eu fazia um curso de manutenção de micro, consertar computador, pelo Estação Futura, eu fazia. Passei seis meses. Aí, eu tava vindo do curso e quando eu tava conversando com uma pessoa – nesse tempo aí eu não tava fazendo coisa errada mais não, não tava nem roubando, nem fazendo nada. Tinha 22 anos, tava trabalhando, tava fazendo esse curso, ganhava R\$ 100,00 por mês, não tava fazendo nada errado... Aí, quando eu tava conversando com o rapaz – esse rapaz já tinha outros problemas –, veio outro rapaz e efetuou os disparos nele. E eu tava perto. E eu corri também. Aí, ele já passou a me procurar também, porque eu estava perto e ele queria me matar.*

*E: Mas você não tinha nada a ver com aquilo?*

*J: Não tinha nada a ver, não. Isso aí, eu tinha nada. Conteí até ao juiz, conteí a verdade, assumi o que eu fiz. Aí, eu já me mudei de Santo Amaro. Fui pra outro canto, pro Arruda, pra uma favela. Passei agora a andar também com medo, porque eu andei sempre na vida errada, mas minha finalidade era ganhar dinheiro. Acabou minha vida.*

*E: E por que queriam matar aquele cara?*

*J: Porque era errado. Ele matava os outros, roubava. Tá entendendo? Só que eu moro na favela e conheço todo mundo. Eu também já fiz coisa errada. E eu não tinha medo de conversar com ele. Sem exceção de pessoa. Aí, eu tava conversando com ele, o rapaz veio, efetuou os disparos nele. Eu tava perto e ia ser queima de arquivo. Corri. E agora eu tava passando a ser perseguido. Aí, eu coloquei uma mão na minha cabeça, que eu nunca tinha tirado a vida de ninguém não, e coloquei uma mão na minha cabeça, e digo “Rapaz, agora eu vou morrer mesmo. Então, eu tenho que matar para não morrer”. Aí, eu fui pro Arruda. Cheguei no Arruda e ele foi lá ainda, atrás de mim. Ele descobriu que eu tava por lá e foi para me matar. Eu tava até vendendo fruta no sinal. Eu corri. Já parei de trabalhar, arrumei um revólver e fiquei andando armado, agora, com medo da polícia também, de ser preso.*

*E: Como você arrumou esse revólver?*

*J: Comprei. Eu tinha dinheiro, que eu trabalhava, tava vendendo fruta. Peguei o dinheiro...*

*E: Foi fácil você comprar?*

*J: É fácil. Comprar uma arma é fácil demais. Só precisa de dinheiro.*

*E: Onde compra?*

*J: Você compra dentro da favela mesmo.*

*E: Dentro da favela? E quanto custa uma arma?*

*J: Depende. Um revólver custa R\$ 300,00; pistola é R\$ 500,00, R\$ 1.000,00.*

*E: Ah, é? Depende da arma, então? E o que é que a galera tem mais? É revólver? 38?*

*J: Rapaz, a turma agora, no momento, na rua, é mais pistola. Mais pistola, pode acreditar.*

*E: Mas, então, ele foi atrás de você lá no Arruda?*

*J: Foi. E quando ele foi atrás de mim, aí, eu me escondi. E depois já passei a andar armado. Aí, um dia, nós... Porque ele tinha uma pista. Eu estava dentro da favela. Tava até drogado, cheirando loló, um negócio de álcool que cheira por aqui.*

*E: Você ou ele?*

*J: Eu tava usando. Já tava dentro da favela. Já tinha me envolvido com as pessoas erradas de novo. Aí, quando eu tô armado, que eu venho saindo de dentro, eu me deparo com ele. Daí, um olha pro outro, e eu já coloquei a mão na arma, puxei e efetuei os disparos. Aí, quando eu efetuei os disparos, já vinha passando um carro da polícia na hora. A polícia, na hora, me prendeu em flagrante de homicídio.*

*E: Você correu?*

*J: Corri não. Coloquei as mãos no chão e fui preso. Não dava pra correr, que eu tava até nervoso, que eu nunca tinha feito um negócio desse.*

*E: E como é que foi? A polícia te pegou? Te levou para a delegacia?*

*J: A polícia me pegou, perguntou o que foi aquilo ali, e eu disse, na hora eu inventei uma mentira, eu disse: “É problema de favela, se eu não matasse, eu ia morrer”. Aí, ele não tocou o dedo em mim, não. Não me espancou, não. Colocou eu dentro da viatura e levou para a delegacia. (Jovem, entrevistado em Recife, 25 anos, institucionalizado por homicídio).*

### *Rio Branco e Belém do Pará*

As duas cidades da Região Norte onde foram realizadas entrevistas com adolescentes e jovens institucionalizados foram Rio Branco, no Acre, e Belém do Pará. Em Rio Branco, a presença da floresta amazônica e o fato de o Estado apresentar fortes características de fronteira (MARTINS, 1997) foram questões que permearam as falas dos entrevistados, entre os quais houve referência à colônia, área de expansão populacional para dentro dos limites da floresta.

O bairro mais mencionado pelos entrevistados foi o Calafate<sup>12</sup>, na periferia de Rio Branco, descrito pelos entrevistados o como um bairro simples, com poucos equipamentos e serviços.

*A: A época que eu cheguei, era um bairro simples. Não era asfaltado, nem nada. Tinha que ficar procurando de canto em canto para achar alguma coisa. Aí, com o passar do tempo, foi melhorando aos poucos as dificuldades, depois que o pessoal fazer muito protesto. Essas coisas assim. Aí, foi mudando com o passar do tempo. Hoje, está asfaltado, reformaram as escolas. Mas, tipo assim, é muito difícil de se... Sempre que o cara quer alguma coisa, assim... Sabe? Tipo, se acontece um ato e tem que chegar uma ambulância. Demora até para chegar em tempo e tem canto que algumas não passam.*

*E: Não passam?*

*A: Não passam*

*E: Por quê? É esburacado?*

*A: É esburacado. As pessoas ligam para vim e o pessoal olha assim e é só mata.*

*(...)*

*E: E, lá no seu bairro, pelo que você me disse, não tinha, assim, uma associação que oferecia capacitação profissional pros jovens. Tinha alguma coisa assim? Escolinha de futebol?*

*A: Não. Nessa época, não tinha nada disso, não. Campo e essas coisas. Nós mesmo improvisa para brincar. Tinha um igarapé lá que nós improvisava.*

*E: Mas, assim, fora a escola, não tinha nada do Estado. Só a polícia que ia...*

*A: É, só a polícia que ia lá. Agora que eles estão com uns planos lá, fazendo umas casas do governo, de uns funcionários que tem lá. (...)*

(Adolescente, entrevistado em Rio Branco, 18 anos, institucionalizado por homicídio, iniciou sua trajetória no crime com 13 anos, tendo se envolvido com roubo).

12 Calafate não era o bairro selecionado em Rio Branco. A localidade em que havia atuação do Pronasci no município era Zap 5.

As razões para a violência letal em Rio Branco, apresentadas pelos entrevistados, se assemelham às de outras localidades, destacando-se o tráfico de drogas, o acesso a armas de fogo (inclusive, por meio do fornecimento pela polícia) e desavenças pessoais, que levaram um dos entrevistados a andar armado, quando mudou de bairro, porque não era conhecido.

*J: Eu andei armado só um período, só, aqui em Rio Branco.*

*E: E por que você andava armado?*

*J: Por causa desse bairro, que está muito violento.*

*E: E onde você conseguiu essa arma?*

*J: Ah, eu comprei.*

*E: Comprou? E compra onde? É de alguém do bairro? É do traficante? Do policial?*

*J: Ah, a gente compra muito de polícia, né? Eu só parei um carro. Eu nem conhecia. Foi só parar uma patrulha aí, perguntar quanto e eu comprei.*

*E: Mas você chegou a usar ela?*

*J: Não, não. Graças a Deus, nunca não.*

*E: Mas você andava armado.*

*J: Andava.*

*E: Mas era medo do quê? Era medo da violência ou era medo de alguém específico, que você tinha alguma rixa? Alguma briga?*

*J: Nunca tive briga com ninguém.*

*E: E por que você tinha esse medo, andar armado?*

*J: Ah, porque, quando a gente chega assim, passa a morar num bairro, a gente é... Tem gente que não conhece, qualquer pessoa que vai passando na rua já pensa “Aquele cara é diferente”.*

(Jovem, entrevistado em Rio Branco, 25 anos, institucionalizado por homicídio, não tinha envolvimento anterior com atos ilícitos).

Belém do Pará é uma das três capitais que estão no ranking dos 43 municípios mais vulneráveis (juntamente com Maceió e Recife) do IVJ-V, ocupando a 34ª posição. Também estão nesse ranking Ananindeua, na 18ª posição, situada na região metropolitana de Belém, e Marabá, na 2ª posição, que se localiza ao sul do Estado e é a principal cidade da região produtora de pedras preciosas, marcada também pelos conflitos de terra e entre garimpeiros.<sup>13</sup>

A maior parte dos entrevistados em Belém tinha como local de origem o bairro do Guamá<sup>14</sup>. Esse bairro, cuja ocupação se intensificou a partir do final da década de 1970, é cortado pelo igarapé do Tucunduba, sendo que muitas moradias foram construídas e permanecem em palafitas. A situação precária das habitações leva muitos moradores a terem dificuldade de acesso a serviços públicos essenciais, principalmente saneamento e fornecimento de água e luz. Além das questões de infraestrutura, o bairro não foi contemplado com equipamentos urbanos de lazer e cultura, tais como praças, parques, teatros ou bibliotecas, tornando as condições de vida de seus moradores ainda mais desfavoráveis. Tudo somado, a paisagem urbana do bairro do Guamá quase não contribui para a garantia das condições básicas de desenvolvimento humano, asseguradas como direitos sociais na Constituição Federal.

Diante desse quadro, os moradores do bairro têm uma trajetória de mobilização e luta por direitos, tendo, inclusive, organizado o Coletivo de Movimentos Sociais Resistência Guamazônica, no Fórum Social Mundial, ocorrido em Belém em 2008 (LEÃO, 2010). Porém, o espírito comunitário característico desses movimentos depara-se, nos últimos anos, com novas formas de sociabilidade resultantes da expansão do tráfico de drogas no bairro, conforme relata um dos entrevistados.

13 Próximos a Marabá estão Eldorado dos Carajás e o garimpo de Serra Pelada.

14 Guamá era a localidade de atuação do Pronasci selecionada em Belém.

E: Onde você nasceu?

J: Eu nasci em Belém.

E: Você nasceu em Belém? Mas em qual bairro?

J: Guamá.

E: Morou a vida inteira no Guamá? Cresceu lá, então?

J: Sim.

E: O que mais você se lembra de lá?

J: Eu lembro de tudo de lá. Mas eu queria saber especificamente o que você...

E: Quando você pensa no Guamá, nessa tua história, o que mais te chama a atenção? Qual é a lembrança que vem na tua cabeça?

J: Ficou um pouco, sabe... Ali no Guamá ficou muito mata-mata. Muito... Essas coisas ruins que a droga fez no nosso bairro. Porque, ali, o tráfico imperou, dominou geral.

E: Não era assim antes?

J: Não era. Antigamente, não era assim que a gente convivia lá. Era um lugar pacífico. Todo mundo era amigo de todo mundo. As pessoas tratavam todo mundo bem. Agora, está super diferente porque muitas das pessoas começaram a traficar drogas e essas coisas, né? Já trouxeram a maldade pra lá. Por causa que consumia droga e já não respeitava mais ninguém: tirava onda com um ali, tirava onda com outro ali e assim ia levando. É isso que me vem à cabeça. Também muitas meninas se perdendo, sabe, meninas bonitas.

E: Se perdendo como?

J: Com esse negócio de droga, droga, droga. É, só o nome já diz tudo. É uma droga mesmo. (Jovem, entrevistado em Belém, institucionalizado por roubo).

A mudança das relações sociais comunitárias, apontada pelo jovem no relato acima, pode ser observada também no relato de outro jovem do bairro:

E: Você ia com quem para as noitadas?

J: Eu? Com a rapaziada lá no Guamá, que é o bairro mais populoso que tem. Muita gente, muito moleque.

E: O que é que tinha para fazer lá? O que vocês gostavam...

J: Fazia furto. Roubava a casa dos outros na madrugada.

E: Entrava na casa das pessoas?

J: "Tem uma casa aberta ali, tá a fim de ir lá e tal?" "Bora lá, né?"

E: Vocês furtavam o quê?

J: Fogão, geladeira, televisão, DVD – tudo o que tinha de valor, nós ia levando. A casa já tava aberta mesmo.

E: E por que vocês roubavam?

J: Usar drogas. Beber cerveja.

E: Vocês vendiam o que vocês roubavam?

J: Vendia na hora, a nóia, pro traficante mesmo. Vendendo televisão na madrugada. Batia na casa dele: "Tenho uma tela aí" e já é, já, o dinheiro. E assim saía. E, no outro dia, tinha outros planos. Era essa a vida que eu levava, de menor até os 19 anos. Depois disso é que já veio pesado mesmo, pegar nas armas. Comecei a fazer assalto e aí desviou mesmo. Minha mãe viu que não tinha mais jeito e deixou quieto.

(...)

J: Ah, perdi muito amigo nessa guerra aí.

E: E morreram como?

J: Muitos morreram de paulada, os caras pegavam. Muitos, de tiro. Muitos, os PM mataram.

E: É? Mas você sabe por quais motivos?

J: Motivo? Cada um deles, tinha, né, doutor. O seguinte, cada um rebelava, desviando também.

*Pela lei da natureza, né? (...)*

*E: Lei da natureza?*

*J: Natureza. Os caras também não eram fácil. Muitos os PM mataram também. Teve... A população matou um lá, no setor lá.*

*E: Mas matavam por que eles faziam alguma coisa?*

*J: Era ladrão também.*

(Jovem, entrevistado em Belém, institucionalizado por homicídio, tendo tido envolvimento também em roubo).

### *Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo*

Nas cidades do Sudeste, a presença do tráfico de drogas teve peso igual ou superior aos conflitos territoriais por grupos de jovens e rixas como razão apontada pelos entrevistados para a violência letal nos bairros, com exceção de São Paulo, onde não foi feito nenhum relato específico de homicídio no bairro, mas sim a indicação de regras que regulamentam as situações onde esse é autorizado.

Em Vitória, foi feita a única entrevista com um traficante, que relatou como avançou na carreira criminal em Cariacica<sup>15</sup>, na região metropolitana de Vitória, tendo entrado no tráfico aos 12 anos.

*E: O que te marcou da tua infância?*

*J: Os meus amigos, os meus amiguinhos de infância. A maioria deles... Morreu todos. Quase todos.*

*E: Assassinados?*

*J: É, a maioria deles morreu assassinada.*

*E: Assassinados por milícias ou por outros inimigos?*

*J: Não. É outro amigo de infância.*

*E: É uma outra pessoa específica?*

*J: É, matou todos porque ele tinha a intenção de, praticamente, dominar o local todo. Por exemplo, uma boca e tal. Ele queria dominar tudo e, então, ele acabou matando todos que eram mais velhos para poder tomar posse do local.*

*E: E todos os seus amigos eram mais velhos do que esse que matou...*

*J: É, porque... Na verdade, na verdade, ele não queria eles. Ele queria a minha pessoa. Mas, até mim, ele não conseguia chegar. Então, matou todos os que estavam mais próximos.*

*E: E hoje ele está vivo ainda? Está preso?*

*J: Está aqui.*

(Jovem, entrevistado em Vitória, 27 anos).

Em Belo Horizonte, as “guerras” por bocas foram citadas, bem como parte do funcionamento do tráfico, que escala os adolescentes para esse tipo de serviço.

*A: Ficava eu e mais uns cinco menor. Nós ia pra rua umas oito da manhã e ficava até meio dia. Ia pra casa, almoçava, ficava até uma hora em casa e voltava. Aí, dava umas sete horas da noite, ia pra casa, tomava um banho e ia ficar com os caras na rua. (...).*

*E: Vocês eram cinco, então? Todos menores?*

*A: Não, tinha umas mulher que trabalhava lá.*

*E: E por que só tinha de menor ali?*

*A: Porque em boca os cara só gosta de por menor porque, de maior, se rodar, já agarra um tempão. De menor, roda hoje, passa um mês, tá na rua.*

*E: E essa boca era lá no bairro mesmo?*

<sup>15</sup> Cariacica é município da região metropolitana de Vitória e localidade de atuação do Pronasci, selecionada na pesquisa.

*A: Lá perto de casa, uns dois quarteirões perto de casa.*

(Adolescente, entrevistado em Belo Horizonte, 15 anos).

Segundo outro entrevistado, um jovem pode observar em seu bairro que os gerentes de boca, todos adolescentes, não vivem mais do que dois anos, devido às “guerras” pelos pontos de tráfico. Além das disputas relacionadas ao tráfico, também foram mencionadas as rixas pessoais, entre as razões para a perda de amigos dos entrevistados de Belo Horizonte.

No Rio de Janeiro, algumas entrevistas não foram gravadas devido à solicitação do entrevistado. De modo geral, houve poucas menções ao bairro de origem, destacando-se os equipamentos de lazer do bairro (campo de futebol), as amizades de infância e a presença do tráfico de drogas. Um relato, porém, chama a atenção por destacar a atuação de grupos de extermínio na Baixada Fluminense<sup>16</sup>.

Segundo o jovem entrevistado, de 28 anos, institucionalizado por roubo, a cena que mais o marcou em sua infância ocorreu quando tinha por volta de nove anos. Um grupo de extermínio abordou três rapazes que estavam em um campo de futebol. O grupo cercou os três e um deles acariciou o cachorro de propriedade de um dos rapazes, soltando-o em seguida. Depois disso, eles sacaram as armas e mataram os três rapazes, à luz do dia e na frente de toda a vizinhança. Segundo o entrevistado, a partir daquele momento, ele compreendeu que a vida de um cachorro valia mais que a dos rapazes.

Em São Paulo, a análise foi prejudicada pela falta de colaboração da Secretaria da Administração Penitenciária – SAP, que não autorizou a realização das entrevistas com os jovens institucionalizados. As entrevistas realizadas com os adolescentes não foram gravadas, sendo utilizados os relatórios de campo dos pesquisadores. As entrevistas chamam a atenção para a presença do tráfico de drogas (as “biqueiras” ou bocas, localizadas nas esquinas) e a existência de regras de conduta (a disciplina da “quebrada”) no bairro, segundo as quais haveria restrição às situações em que se pode matar alguém.

## *Curitiba e Porto Alegre*

Curitiba foi uma das cidades onde houve maior ocorrência de relatos dos entrevistados sobre existência de projetos sociais e outras atividades voltadas para adolescentes e jovens, tais como o Projeto Piá, que oferece atividades de esporte e lazer após o período escolar, o Pró-Jovem e a abertura das escolas aos finais de semana. No entanto, alguns dos entrevistados afirmaram não conhecer nenhum projeto social voltado para adolescentes e jovens em seu bairro de origem, indicando a demanda por ampliação dessas ações de forma a atingirem um número maior de bairros.

O Sítio Cercado<sup>17</sup> foi o bairro mais mencionado pelos entrevistados. O bairro passou por intenso crescimento populacional, principalmente após a década de 1980, com a construção de conjuntos habitacionais. O bairro é assim descrito por um dos entrevistados:

*J: Eu moro no Sítio Cercado há quatorze anos. Conheço tudo do Sítio Cercado. Então, foi um bairro que ele cresceu. Eu fui morar no Sítio Cercado, ele era só mato. Só mato. Era raridade ter uma casa. Era uma aqui e outra há um quilômetro de distância. Hoje em dia o bairro é um dos maiores de Curitiba, entendeu? (...) E é o mais violento ou um dos mais violentos. Então, muitas coisas mudou, entendeu? Eu perdi vários amigos. Perdi pelo mundo do crime. Perdi pelo mundo da droga.*

(Jovem, entrevistado em Curitiba, 25 anos, institucionalizado por roubo)

<sup>16</sup> Os municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Queimados, todos na Baixada Fluminense, foram selecionados como localidades de atuação do Pronasci nesta pesquisa.

<sup>17</sup> Sítio Cercado era localidade de atuação do Pronasci selecionada na pesquisa.

A presença do tráfico de drogas, especificamente a entrada do crack, foi bastante enfatizada pelos entrevistados como uma das razões para a violência, inclusive letal, nos bairros. Com a entrada do crack, houve, para os entrevistados, maior expansão do tráfico nos bairros (chamados de “vilas”) e, conseqüentemente, o acirramento das disputas pelos pontos de venda, levando jovens que cresceram juntos, como parte do mesmo grupo, a se matarem. Além disso, foram também mencionadas as disputas territoriais entre grupos de jovens, a imposição de normas de conduta pelos traficantes locais, a rixas e os acertos de contas.

Em Porto Alegre, o tema das disputas territoriais, parcialmente associadas, também foi bastante presente nas razões dadas para a violência letal. Além disso, houve referência às rixas pessoais, juntamente com a dificuldade de se obter uma resposta da polícia a essas rixas.

*E: Mas ele te perseguia?*

*J: Olha, não é que, assim, eu quis ser o herói, sabe? Mas foi assim: eu moro em vila. E você sabe como é que é: quem fala demais, amanha com a boca cheia de formiga. Daí, no caso, eu não tive chance de ir à polícia, porque a polícia é corrupta. A polícia tem umas coisas que uns fazem certo, outros não. Uns fazem certo, mas a maioria não, você entendeu? Daí, fica fraco. Como é que eu vou lá falar com o cara e minha mãe, meus irmãos, o que é que vai ser deles? Nós não temos condições financeiras de sair daqui, largar tudo aqui e ir para outro lado. É por isso que acontece nas vilas esse tumulto todo. Tudo que tem acontece por causa disso aí. Você vê que a pessoa não está se sentindo legal ali e ela não tem condições de sair. (...).*  
(Jovem, entrevistado em Porto Alegre, 26 anos, institucionalizado por homicídio).

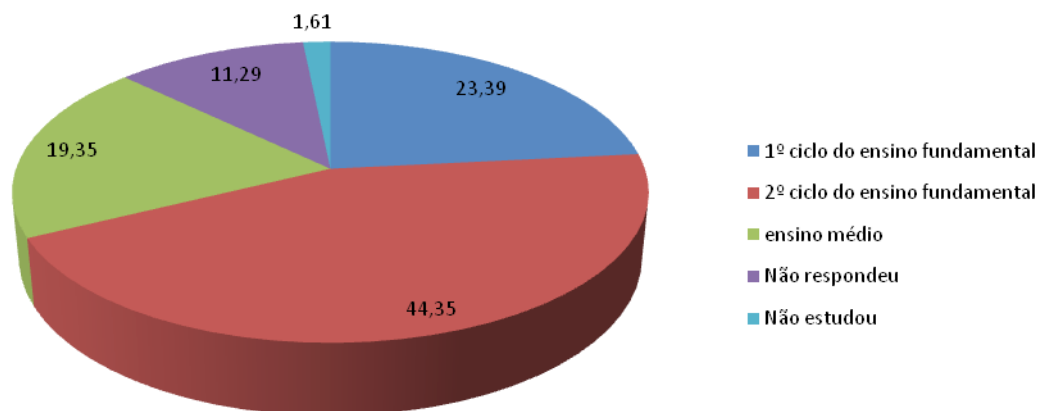
## Jovens, escolarização e violência

A escola é um dos poucos equipamentos públicos comumente presentes nos bairros dos adolescentes e jovens entrevistados. Esse dado é corroborado pelos indicadores que mostram a maior difusão do acesso à educação, sendo cada vez maiores as ofertas de vagas para a população em idade escolar (IBGE, 2008). Apesar da ampliação do acesso à escola, a qualidade do ensino público e a permanência de crianças e adolescentes na escola, ao menos até a conclusão do ensino fundamental (totalizando o mínimo de nove anos de estudo), são questões que desafiam as políticas educacionais brasileiras.

Ao analisar o nível de escolaridade dos entrevistados, observa-se que apenas 19,35% (menos de ¼) tinham concluído o ensino fundamental e ingressado no ensino médio no momento da entrevista, tendo mais de oito anos de estudo.<sup>18</sup> A maior parte estava no ensino fundamental, sendo o segundo ciclo (5ª à 8ª série) o mais representativo (44,35%). Aqueles que não haviam estudado corresponderam a 1,61% (dois casos, ambos entrevistados em Belo Horizonte), enquanto 11,29% não relataram seu nível de ensino. Esse último percentual pode ser em decorrência tanto do formato adotado para realização das entrevistas, em que foram utilizadas figuras para o entrevistado escolher as que mais representavam sua trajetória (ver Apêndice Metodológico, ao final deste relatório), como da possível baixa escolarização. Na primeira hipótese, a escola não era significativa para o entrevistado, tendo ele escolhido outros temas para narrar suas experiências. Na segunda, por possuir um nível de escolaridade baixo, o entrevistado pode ter se sentido constrangido em informá-lo.

<sup>18</sup> Todos os entrevistados ingressaram no ensino fundamental em data anterior à Lei Federal 11.274/2009, que regulamenta o ensino fundamental de nove anos.

**Gráfico 8 – Distribuição dos entrevistados, segundo nível de escolaridade declarado (%)**  
Municípios pesquisados (1) – 2009/2010



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

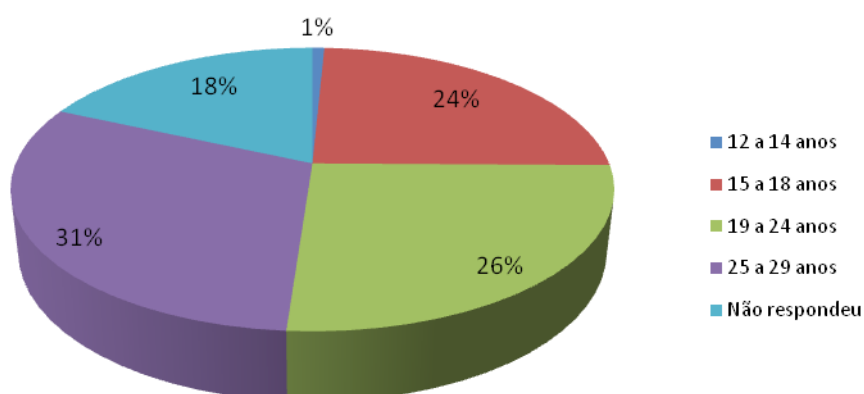
(1) Correspondem a Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Luziânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória

Entre os que estavam no 2º ciclo do fundamental, a maioria tinha cursado até a 5ª série, indicando uma escolarização de cinco anos de estudo ou menos.

A distribuição da faixa etária dos entrevistados permite observar que seu nível de escolaridade apresenta grande defasagem em relação ao nível escolar esperado. Somente 6,1% deles (oito casos) tinham até 15 anos, idade esperada de conclusão do ensino fundamental. Se não houvesse defasagem escolar série/idade, ou se essa fosse baixa, a quase totalidade dos entrevistados estaria no nível do ensino médio, considerando-se, para fins dessa análise, apenas a educação escolar básica.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei Federal 9.394/1996) define a educação (escolar) básica como composta pelos ensinos infantil, fundamental e médio. Além dessa, há a educação superior.

Gráfico 9 – Distribuição dos entrevistados , segundo faixa etária (%)  
Municípios pesquisados (1) – 2009/2010



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

(1) Correspondem a Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Luziânia, Maceió, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória

Esse dado indica, na trajetória dos entrevistados, a vivência de processos de exclusão na e da escola. Segundo Alceu Ferraro (1999), a exclusão da escola ocorre pela não frequência escolar em decorrência do não-acesso ou da evasão escolar. Já a exclusão na escola se opera por meio dos mecanismos de reprovação e repetência escolar, produzindo a defasagem idade/série e gerando a desmotivação dos alunos.

Dos 123 adolescentes e jovens cujas entrevistas foram gravadas, 97 (78,2%) declararam ter evadido da escola em algum momento de suas trajetórias. As principais razões da evasão escolar expressas pelos entrevistados foram o envolvimento com drogas e atos ilícitos, a desvalorização da escola enquanto espaço importante para sua trajetória, a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar, a violência no bairro (as “guerras”), a expulsão (medida disciplinar tomada pela direção escolar para conter o entrevistado) e a exclusão na escola (em 38,1% dos casos de evasão declarados, foi observada defasagem idade/série igual ou superior a dois anos no momento da evasão). É importante ressaltar que os entrevistados apresentaram, quase sempre, mais de um motivo para explicar o abandono da escola.

## Como minimizar os fatores de risco que levam os jovens a se envolverem com a violência letal?

Os adolescentes e jovens entrevistados trouxeram, em seus relatos, experiências que podem ser definidas como situações-limite, não somente porque cometeram, em sua maioria, crimes contra a vida, mas também porque estão inseridos em contextos de elevada exposição à violência. A exposição relatada ocorreu por meio da experiência direta (como vítima) e indireta (como testemunha) da violência. No primeiro caso, houve relatos de violência doméstica (contra a mulher e contra a criança), de conflitos entre jovens do mesmo bairro ou entre bairros vizinhos e com a polícia. No segundo caso, da violência indireta, foram apresentadas situações de perda de pessoas próximas, tanto familiares quanto amigos, por quase todos os entrevistados, além da violência policial.

Tudo somado, as menções a contextos de violência e criminalidade no bairro foram feitas por 71,8% dos entrevistados, indicando serem os fatores de risco relativos ao bairro ou vizinhança os que mais têm contribuído para os elevados índices de violência letal nas cidades pesquisadas. A principal conclusão da etapa Narrativas da Violência: Institucionalização é, portanto, a de que a violência letal contra adolescentes e jovens ocorre normalmente dentro do próprio bairro, em decorrência de conflitos com outros adolescentes e jovens do mesmo bairro ou próximo a ele, que acabam se tornando letais pelo amplo acesso a armas de fogo, ou em decorrência da atuação das forças policiais, as quais são também altamente letais.

No que se refere à atuação das forças policiais, chama atenção a tendência de a polícia atuar mais como um fator de risco do que como proteção à violência letal, dada a naturalidade com que os entrevistados relatam os espancamentos de pessoas já detidas (imobilizadas), as execuções sumárias (havendo, em algumas entrevistas, menção a grupos de extermínio) e as perseguições pessoais (situações em que determinados indivíduos tornam-se alvo de assédio de determinados policiais, independentemente de estarem incorrendo em atos ilícitos ou não). Nesse sentido, a atuação da polícia dos bairros periféricos pode ser incluída como um fator de risco dinâmico relacionado ao bairro ou vizinhança.

Os conflitos territoriais entre grupos de adolescentes e jovens foram muito bem definidos por eles como “guerras”. O amplo acesso a armas de fogo faz com que os conflitos, que poderiam resultar eventualmente em alguma morte, tornem-se situações altamente letais, nas quais necessariamente alguém morre, pois há sempre uma arma ao alcance da mão.

Embora muitos entrevistados associem a violência em seus bairros ao tráfico de drogas, apenas um pôde ser considerado traficante por controlar diferentes pontos de venda de uma região (território) e estar disputando esse controle territorial com outro traficante, com quem convive desde a infância. Os demais, quando inseridos no tráfico, são, em grande maioria, responsáveis pelo comércio de pequenas quantidades (os chamados “vapores”, “aviões” ou “meninos bons”).

Para concluir, as entrevistas indicam que o principal ponto de intervenção visando a redução da violência letal entre adolescentes e jovens é a diminuição dos fatores de risco referentes ao bairro ou vizinhança, destacando-se a melhoria das condições de vida, a redução da disponibilidade de armas de fogo e drogas e dos índices elevados de criminalidade e violência local. Os adolescentes e jovens entrevistados trazem, em seus relatos, experiências resultantes de condições precárias de vida e desenvolvimento humano, situação que pode ser revertida com investimento público constante na promoção da cidadania, assegurando-lhes o pleno exercício de seus direitos fundamentais.

## Bibliografia

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Sistema Penitenciário no Brasil: dados consolidados, 2009.

BUCKLEY, H.; O'SULLIVAN, E. The interface between child protection and youth justice in Ireland. In: HILL, M.; LOCKYER, A.; STONE, F. H. (Eds.). Youth justice and child protection. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

CARDIA, N. Exposição à violência: seus efeitos sobre valores e crenças em relação a violência, polícia e direitos humanos. Lusotopie, 2003, p. 299-328. Disponível em <<http://www.lusotopie.sciencespo-bordeaux.fr/cardia2003.pdf>>.

DUBAR, C. A socialização: construção de identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FELTRAN, G. S. O legítimo em disputa: as fronteiras do 'mundo do crime' nas periferias de São Paulo. Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, n.1, v.1, p. 93-126, 2008.

FERRARO, A. R. Diagnóstico da educação no Brasil. Revista Brasileira de Educação, 1999. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE12/RBDE12\\_04\\_ALCEU\\_RAVANELLO\\_FERRARO.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE12/RBDE12_04_ALCEU_RAVANELLO_FERRARO.pdf)>.

IBGE. Síntese de indicadores sociais. Rio de Janeiro: Ministério do Orçamento, Planejamento e Gestão/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2008. Disponível em: <[http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2008/indic\\_sociais2008.pdf](http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2008/indic_sociais2008.pdf)>.

\_\_\_\_\_. Síntese de indicadores sociais. Rio de Janeiro: Ministério do Orçamento, Planejamento e Gestão/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2002. Disponível em: <[http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/indic\\_sociais2002.pdf](http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/indic_sociais2002.pdf)>.

ICPC. International Report: crime prevention and community safety: trends and perspectives. Montreal (Canada): International Centre for the Prevention of Crime – ICPC, 2010. Disponível em: <[http://www.crime-prevention-intl.org/uploads/media/pub\\_201\\_1.pdf](http://www.crime-prevention-intl.org/uploads/media/pub_201_1.pdf)>.

\_\_\_\_\_. International Report: crime prevention and community safety: trends and perspectives. Montreal (Canada): International Centre for the Prevention of Crime – ICPC, 2008. Disponível em: <[http://www.crime-prevention-intl.org/uploads/media/International\\_Report\\_2010.pdf](http://www.crime-prevention-intl.org/uploads/media/International_Report_2010.pdf)>.

KOERNER, A. Posições doutrinárias sobre o direito de família no Brasil pós-1988. In: FUKUI, L. (Org.). Segredos de família. São Paulo: Annablume; Nemge/USP; Fapesp, 2002.

LEÃO, S. Guamá e os movimentos de luta social. Isto é Amazônia, 2010. Disponível em: <[http://www.istoamazonia.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2023&Itemid=2](http://www.istoamazonia.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2023&Itemid=2)>.  
Martins, J. de S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Sociologia/USP; Hucitec, 1997.

MCGHEE, J.; WATERHOUSE, L. Classification in youth justice and child welfare: in search of 'the child'. Social Care Online, n. 7(2), p.107-120, August 2007. Disponível em: <[www.scie-socialcareonline.org.uk/profile.asp?guid=837288b5-771f-4b11-8ca0-c4d75ca11168](http://www.scie-socialcareonline.org.uk/profile.asp?guid=837288b5-771f-4b11-8ca0-c4d75ca11168)>.

MCLAREN, K. L. Tough is not enough – getting smart about youth crime. Wellington (New Zealand): Ministry of Youth Affairs, 2000. Disponível em: <<http://www.myd.govt.nz/documents/about-mydp-publications/tough-is-not-enough-2000-nz-.pdf>>.

MINGARDI, G. O Estado e o crime organizado. São Paulo: IBCCrim, 1998.

RIBEIRO, R. M. et alii. Estrutura familiar, trabalho e renda. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). Família brasileira: a base de tudo. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 1998.

SPAGNOL, A. S. Jovens delinquentes paulistanos. Tempo Social, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a12v17n2.pdf>>.

ZALUAR, A. Condomínio do diabo. Rio de Janeiro: Revan; Ed. UFRJ, 1994.

## Anexo a – apêndice metodológico

### *Introdução e universo pesquisado*

O presente apêndice metodológico faz um panorama da execução do eixo Narrativas da Violência: Institucionalização, do projeto Juventude e Prevenção da Violência, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Ministério da Justiça (MJ) e participação, entre outros, do Instituto Sou da Paz e do Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud).

Este eixo de pesquisa foi realizado pela equipe do Fórum Brasileiro de Segurança Pública que realizou 214 entrevistas exploratórias com jovens institucionalizados em 13 Estados e no Distrito Federal. Foram mobilizados 13 pesquisadores para realizar entrevistas com adolescentes entre 12 e 17 anos que estavam cumprindo medidas privativas de liberdade nos sistemas de medidas socioeducativas<sup>20</sup>, bem como com jovens entre 18 e 29 anos cumprindo pena em meio fechado no sistema prisional, que residiam em territórios de atuação do Pronasci no momento anterior à institucionalização e que já tivessem sido sancionados ou condenados no momento da entrevista.

O Quadro 1, abaixo, apresenta os territórios definidos nos 13 estados e no Distrito Federal, como localidade de atuação do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), no âmbito do MJ. Essa definição de localidades foi feita no momento da assinatura do Termo de Parceria entre FBSP e MJ, em dezembro de 2008.

<sup>20</sup> Sistema de medidas socioeducativas está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente e serve à responsabilização de adolescentes que cometeram atos infracionais, ou seja, jovens que tenham mais de 12 e menos de 18 anos e que tiveram alguma conduta que seria considerada crime no Sistema de Justiça Penal. As medidas socioeducativas previstas no ECA são: advertência, reparação de dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação (estas duas últimas são medidas privativas de liberdade).

Quadro 1 – Municípios e localidades de atuação do Pronasci

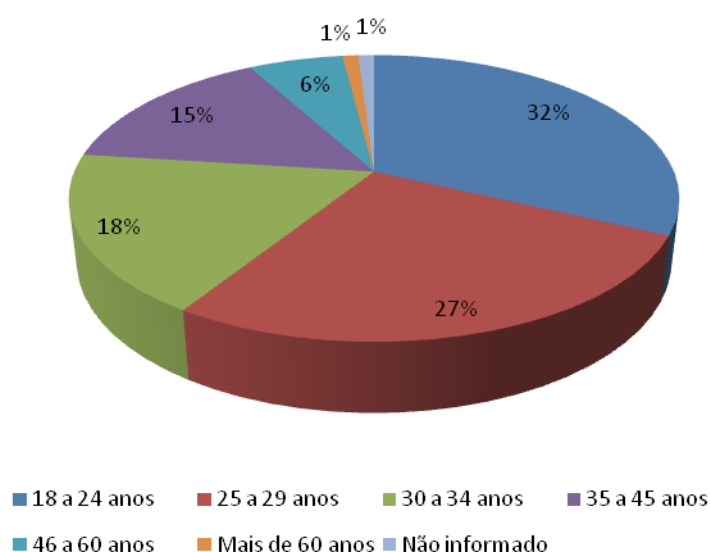
| UF | Municípios              | Localidades de atuação do Pronasci                                                                                                                                      |
|----|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| AC | Rio Branco              | Zap 5                                                                                                                                                                   |
| AL | Maceió                  | Vargem do Lago, Benedito Bentes, Jacintinho, Tabuleiro                                                                                                                  |
| BA | Salvador                | Tancredo Neves-Beiru, São Cristóvão                                                                                                                                     |
| CE | Fortaleza               | Grande Bom Jardim                                                                                                                                                       |
| DF | Brasília                | Cidade Estrutural, Itapoã                                                                                                                                               |
| ES | Cariacica               | Nova Rosa da Penha II, Nova Esperança, Nova Rosa da Penha I, Padre Matias, Vila Cajueiro, Vila Progresso I, Vila Progresso II, Vila Progresso III                       |
| ES | Serra                   | Feu Rosa, Vila Nova Colares                                                                                                                                             |
| ES | Vitória                 | Ilha do Príncipe, Forte São João, Resistência, São Pedro                                                                                                                |
| GO | Luziânia                | Jardim Ingá                                                                                                                                                             |
| MG | Belo Horizonte          | Jardim Felicidade, Conjunto Paulo VI, Via Cemig, Taquaril, Pedreira Prado Lopes                                                                                         |
| MG | Betim                   | Jardim Teresópolis                                                                                                                                                      |
| MG | Contagem                | Vila Pérola, Oitis                                                                                                                                                      |
| PA | Belém                   | Guamá, Terra Firme                                                                                                                                                      |
| PE | Jaboatão dos Guararapes | Cajueiro Seco                                                                                                                                                           |
| PE | Olinda                  | Ilha do Maruim, V-8, Alto da Mina                                                                                                                                       |
| PE | Recife                  | Santo Amaro - Zeis Santo Amaro, Santo Amaro - Zeis João de Barros, Iputinga - Zeis Vila União / Detran, Ilha Joana Bezerra - Zeis Coque, Ibura                          |
| PR | Curitiba                | Sítio Cercado                                                                                                                                                           |
| RJ | Duque de Caxias         | Vila Ideal, Vila Nova                                                                                                                                                   |
| RJ | Nova Iguaçu             | Centro - Nova Iguaçu                                                                                                                                                    |
| RJ | Queimados               | Campo da Banha, Vila Nascente, Inconfidência, Centro, São Simão, Jardim Queimados                                                                                       |
| RJ | Rio de Janeiro          | Complexo do Alemão, Santa Marta                                                                                                                                         |
| RS | Alvorada                | Grande Região Umbú, Santa Bárbara                                                                                                                                       |
| RS | Canoas                  | Guajuviras                                                                                                                                                              |
| RS | Porto Alegre            | Bom Jesus, Vila Jardim, Restinga Velha, Lomba do Pinheiro                                                                                                               |
| RS | São Leopoldo            | Campinas, Rio dos Sino, Vicentina                                                                                                                                       |
| SP | Campinas                | Distritos Industriais de Campinas (DICs) I, II, III, IV, V, VI, Jd. Aeroporto, Jd. Cristina, Jd. Profilurb, Parque Universitário de Viracopos, Jd. Paraíso de Viracopos |
| SP | Diadema                 | Região Sul, Gazuza, Naval                                                                                                                                               |
| SP | Guarulhos               | Cumbica                                                                                                                                                                 |
| SP | Osasco                  | Jardim Conceição, Padroeira, Portal D'oeste e Baronesa                                                                                                                  |
| SP | São Bernardo do Campo   | Bairro dos Alvarengas (PAT)                                                                                                                                             |
| SP | São Paulo               | Distrito da Brasilândia (Jardim Vista Alegre, Jardim Elisa Maria, Jardim Damasceno, Jardim Paulistano)                                                                  |

## Operacionalização

Para viabilizar a realização das entrevistas exploratórias no sistema prisional, o FBSP contou com o apoio institucional do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) que contatou as Secretarias estaduais responsáveis pela administração do sistema prisional. Somente no Estado de São Paulo não foi obtida autorização para a realização das entrevistas.<sup>21</sup> Já no âmbito do sistema de medidas socioeducativas, o FBSP contou com o apoio institucional da Secretaria Nacional de Segurança Pública, tendo sido realizadas entrevistas em todas as 14 Unidades da Federação selecionadas no projeto.

O foco do estudo era compreender o envolvimento de jovens com a violência. Como se verifica, os jovens são as maiores vítimas da violência, bem como seus maiores perpetradores, o que reforça a necessidade de um estudo direcionado à questão. Segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional, de dezembro de 2009, o contingente de população encarcerada era de 417.112 pessoas, das quais 59% estavam na faixa etária entre 18 e 29 anos, conforme o Gráfico 1, abaixo. É válido destacar que o Pronasci tem como foco prioritário de atuação os jovens entre 15 e 24 anos. Neste Projeto, no entanto, decidiu-se, de comum acordo com o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), ampliar a faixa etária estudada, abarcando os adolescentes entre 12 e 15 anos e jovens entre 25 e 29 anos. A faixa etária abarcada neste Projeto compreende jovens entre 12 e 29 anos, portanto.

Gráfico 1 – Distribuição da população carcerária, por faixa etária  
Brasil – 2009



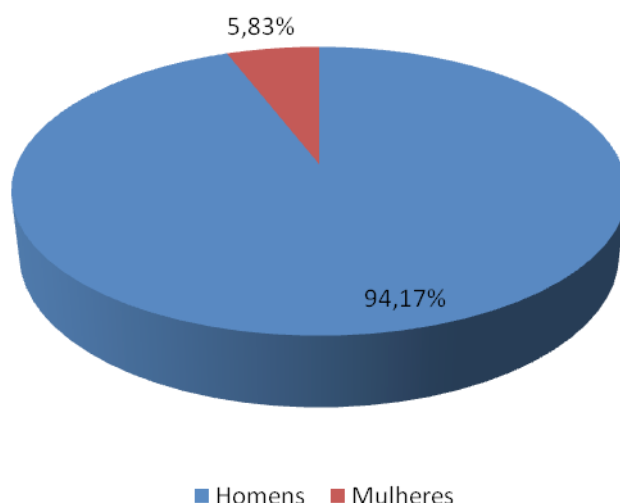
Fonte: Departamento Penitenciário Nacional (Depen) – Sistema Penitenciário no Brasil, Dados Consolidados, 2009.

Em relação ao sistema de medidas socioeducativas, segundo dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos de 2009, 116.940 adolescentes em conflito com a lei estavam privados de liberdade, seja em razão de internação provisória, seja cumprindo internação ou semiliberdade. O desenho do estudo definiu que seriam entrevistados, em cada localidade, dez jovens (oito ho-

21 A justificativa da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo para a recusa à autorização para a realização das entrevistas foi de que pedidos dessa natureza estavam suspensos, no aguardo da instituição do Comitê de Ética em Pesquisa, que ainda não foi implantado.

mens e duas mulheres). O tamanho da amostra, contemplando maior número de homens, justifica-se pela predominância de jovens do sexo masculino privados de liberdade no país: 94,17% da população carcerária era constituída por homens, em 2009.<sup>22</sup> Ser jovem do sexo masculino parece representar, portanto, um fator adicional de risco para o envolvimento com a violência, o que merece ser mais bem analisado.

Gráfico 2 - Distribuição da população encarcerada, por sexo  
Brasil – 2009



Fonte: Departamento Penitenciário Nacional (Depen) – Sistema Penitenciário no Brasil, dados consolidados, 2009.

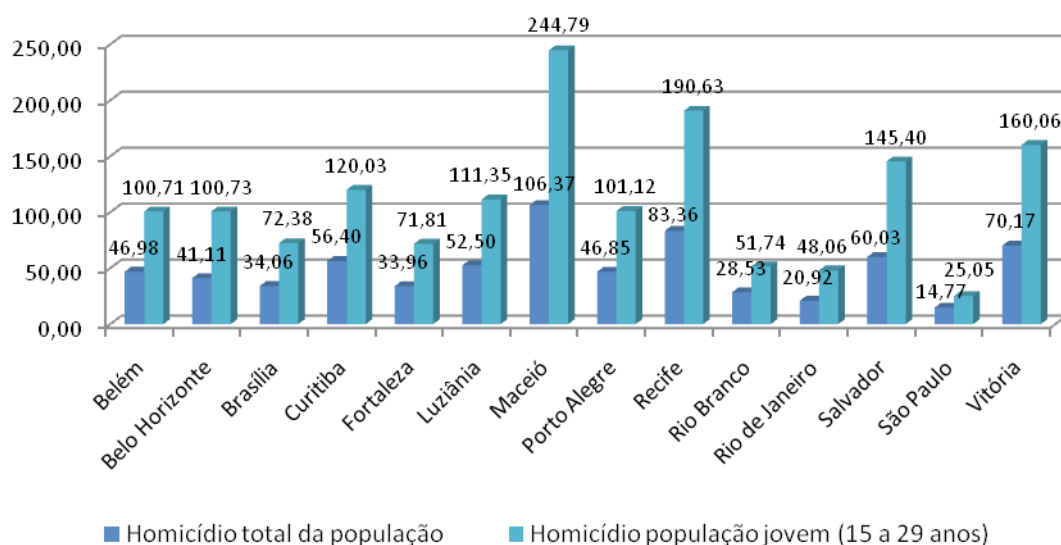
Em relação ao sistema socioeducativo, a amostra definiu entrevistas de seis adolescentes, sendo três do sexo feminino e três do masculino, privados de liberdade a serem entrevistados em cada localidade. Nesse caso, também há maior representação de adolescentes homens em relação ao número de adolescentes mulheres privados de liberdade no sistema, no entanto, optou-se por definir uma amostra exploratória para identificar questões relacionadas a ambos os sexos.

Durante as análises feitas ao longo deste estudo, entretanto, decidiu-se por focar as entrevistas de adolescentes e jovens do sexo masculino, que permitiam estabelecer mais regularidades analíticas. As entrevistas de adolescentes e jovens mulheres compõem um rico material analítico que pode ser explorado em estudos futuros.

Além do recorte etário, o Pronasci enfoca os aglomerados urbanos que apresentem altos índices de homicídios e crimes violentos. Os dados do Gráfico 3, abaixo, comprovam que o aumento da violência letal no Brasil está relacionado ao crescimento da vitimização dos jovens. Os municípios selecionados correspondem aos locais de realização das entrevistas com jovens institucionalizados.

22 Fonte: Ministério da Justiça/Departamento Penitenciário Nacional – Depen; Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP.

**Gráfico 3 – Taxas de homicídio na população total e entre jovens de 15 a 29 anos (1)**  
**Municípios selecionados – 2008**



Fonte: Fonte: Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE – Estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) População e Desenvolvimento.

(1) Por 100 mil habitantes.

Esse cenário mostra que a violência é seletiva na vitimização. Além do recorte etário, os dados também revelam que as vítimas preferenciais da violência letal são os jovens do sexo masculino, residentes nas periferias dos grandes centros urbanos, negros ou pardos e com baixo grau de escolarização. Segundo dados do Datasus de 2008, 93,7% dos óbitos por agressões na faixa etária de 15 a 29 anos corresponderam a homens. Ainda em relação a essa faixa etária, 74% das mortes por agressões ocorreram entre indivíduos com ensino fundamental incompleto, e 69% entre negros e pardos.

O foco das entrevistas exploratórias foi, diante do quadro retratado, jovens, que tinham entre 12 e 29 anos, privados de liberdade no sistema penal ou no sistema socioeducativo dos municípios de atenção do Pronasci definidos em dezembro de 2008. A seleção de quais jovens participariam das entrevistas considerou, preferencialmente, aqueles jovens que residiam, antes de sua privação de liberdade nas localidades de atuação do Pronasci.

### *Sobre as entrevistas exploratórias no projeto*

Em termos metodológicos e considerando o ineditismo de uma pesquisa comparada e as dificuldades logísticas de um projeto dessa magnitude, o FBSP optou por estruturar um roteiro mínimo de questões e aplicar entrevistas exploratórias. O objetivo foi identificar padrões mínimos de comparação e subsidiar os demais módulos da etapa 1, que, esses sim, aprofundariam aspectos sobre trajetórias de jovens e associação com a violência.

Por certo, a análise pormenorizada de trajetórias implica um instrumental de pesquisa que está além do cronograma do presente projeto, que tem o caráter aplicado e volta-se ao levantamento de insumos para o aprimoramento de políticas públicas, com ênfase naquelas desenvolvidas no âmbito do Pronasci. Todavia, ao se associarem, em diferentes dimensões, pesquisas exploratórias, grupos

focais, survey e dados socioeconômicos e demográficos, pretendeu-se aliar técnicas quantitativas e qualitativas capazes de identificarem contextos e biografias, fatores de risco e de proteção. Operacionalmente, o Quadro 2 informa a quantidade de entrevistas exploratórias realizadas, os pesquisadores e as respectivas datas de realização, de acordo com a localidade.

## Quadro 2 – Entrevistas realizadas

| Quantidade de entrevistas realizadas<br>(supervisão de campo: Adriana Taets) |        |          |                                               |                   |          |                                                                                            |                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------|--------|----------|-----------------------------------------------|-------------------|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Sistema Socioeducativo                                                       |        |          |                                               | Sistema prisional |          |                                                                                            | Data de realização<br>das entrevistas                              |
| Localidade                                                                   | Homens | Mulheres | Pesquisadores (as)                            | Homens            | Mulheres | Pesquisadores (as)                                                                         |                                                                    |
| Acre                                                                         | 3      | 3        | Adriana Taets e<br>Adalton Marques            | 8                 | 2        | Adriana Taets e<br>Adalton Marques                                                         | 03 e 04 de fevereiro<br>de 2010                                    |
| Alagoas                                                                      | 3      | 3        | Patrícia Oliveira e<br>Ricardo Neves          | 8                 | 2        | Patrícia Oliveira e<br>Ricardo Neves                                                       | 07 a 09 de<br>dezembro de 2009                                     |
| Bahia                                                                        | 3      | 3        | Patrícia Oliveira e<br>Ricardo Neves          | 8                 | 2        | Patrícia Oliveira e<br>Ricardo Neves                                                       | 01 a 04 de<br>dezembro de 2009                                     |
| Ceará                                                                        | 3      | 3        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes               | 8                 | 2        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes                                                            | 20 e 21 de<br>Setembro de 2009                                     |
| Distrito<br>Federal                                                          | 3      | 3        | Adalton Marques<br>e Marco Aurélio<br>Martins | 8                 | 2        | Guaracy Mingardi,<br>Haydée Caruso e<br>Samira Bueno                                       | 28 e 29 de janeiro<br>de 2010                                      |
| Espírito Santo                                                               | 3      | 3        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes               | 8                 | 2        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes                                                            | 17 e 18 de<br>Novembro de 2009                                     |
| Goiás                                                                        | 3      | 1        | Adalton Marques<br>e Marco Aurélio<br>Martins | 8                 | 2        | Adalton Marques<br>e Marco Aurélio<br>Martins                                              | 25 e 26 de janeiro<br>de 2010                                      |
| Minas Gerais                                                                 | 3      | 3        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes               | 8                 | 2        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes                                                            | 23 e 26 de<br>Novembro de 2009                                     |
| Pará                                                                         | 3      | 3        | Marco Aurélio Mar-<br>tins e Camila Nunes     | 8                 | 2        | Marco Aurélio Mar-<br>tins e Camila Nunes                                                  | 11 e 12 de<br>Novembro de 2009                                     |
| Paraná                                                                       | 3      | 3        | Camila Nunes                                  | 8                 | 2        | Adalton Marques                                                                            | 14 a 21 de<br>dezembro de 2009/<br>09 e 10 de fevereiro<br>de 2010 |
| Pernambuco                                                                   | 3      | 3        | Adriana Taets e<br>Camila Nunes               | 8                 | 4        | Adriana Taets,<br>Camila Nunes,<br>Patrícia Oliveira,<br>Thandara Santos e<br>Samira Bueno | 14 a 17 de<br>Setembro de 2009                                     |
| Rio de Janeiro                                                               | 3      | 3        | Daniel Angelim e<br>Clarissa Huguet           | 8                 | 2        | Adriana Gomes<br>de Paiva e Alberto<br>Alvadia                                             | 08 de outubro de<br>2009                                           |
| Rio Grande<br>do Sul                                                         | 3      | 3        | Adalton Marques<br>e Marco Aurélio<br>Martins | 8                 | 2        | Adalton Marques<br>e Marco Aurélio<br>Martins                                              | 08 a 10 de<br>dezembro de 2009                                     |
| São Paulo                                                                    | 3      | 3        | Adriana Taets e<br>Adalton Marques            | (-)               | (-)      | (-)                                                                                        | 22 e 31 de março<br>de 2010                                        |

Para guiar o trabalho dos pesquisadores de campo, foram produzidos relatórios com base na coleta de informações jornalísticas em canais de comunicação desde 2001, a fim de possibilitar apreender o contexto dos bairros selecionados. As matérias, coletadas em jornais on-line, foram organizadas no software Karteset, que reúne as informações em banco de dados de cardfile de acordo com palavras-chave. Esse material foi

entregue aos pesquisadores para possibilitar sua contextualização com os problemas e demandas locais. O estudo foi realizado por meio de entrevistas exploratórias guiadas por um roteiro semiestruturado a partir dos seguintes eixos: origens, escola, trabalho, relações anteriores à internação/prisão, família, vivência na instituição, trajetória no crime e redes de proteção. As entrevistas eram conduzidas por um pesquisador do FBSP que, após apresentar o estudo, solicitava autorização do entrevistado para gravação, bem como a assinatura do termo de consentimento. Das 214 entrevistas realizadas, 189 tiveram autorização para gravação, totalizando 81 horas e 36 minutos, no sistema prisional, e 50h e 13 minutos, no sistema de medida socioeducativa. Algumas entrevistas não tiveram a assinatura do termo de consentimento informado; nesses casos a autorização foi concedida oralmente para o pesquisador e a entrevista realizada.

### Quadro 3 – Duração das entrevistas gravadas no sistema prisional

| Localidades       | Gravações no sistema prisional |          |          |
|-------------------|--------------------------------|----------|----------|
|                   | Homens                         | Mulheres | Total    |
| Acre              | 04:46:21                       | 01:28:16 | 06:14:37 |
| Alagoas           | 03:07:12                       | 00:34:17 | 03:41:29 |
| Bahia             | 03:40:47                       | 01:09:01 | 04:49:48 |
| Ceará             | 04:48:54                       | 00:00:00 | 04:48:54 |
| Distrito Federal  | 04:41:34                       | 00:32:48 | 05:14:22 |
| Espírito Santo    | 05:49:24                       | 01:55:08 | 07:44:32 |
| Goiás             | 04:31:03                       | 01:21:17 | 05:52:20 |
| Minas Gerais      | 05:15:40                       | 01:26:54 | 06:42:34 |
| Pará              | 06:23:25                       | 01:04:26 | 07:27:51 |
| Paraná            | 04:15:31                       | 01:14:41 | 05:30:12 |
| Pernambuco        | 07:33:50                       | 03:27:21 | 11:01:11 |
| Rio de Janeiro    | 02:49:04                       | 00:41:58 | 03:31:02 |
| Rio Grande do Sul | 05:06:14                       | 03:51:15 | 08:57:29 |
| São Paulo         | (-)                            | (-)      | (-)      |

### Quadro 4 – Duração das entrevistas gravadas no sistema socioeducativo

| Localidades       | Gravações no sistema socioeducativo |          |          |
|-------------------|-------------------------------------|----------|----------|
|                   | Homens                              | Mulheres | Total    |
| Acre              | 01:47:24                            | 01:34:16 | 03:21:40 |
| Alagoas           | 01:02:09                            | 00:50:12 | 01:52:21 |
| Bahia             | 01:57:07                            | 02:07:16 | 04:04:23 |
| Ceará             | 02:43:28                            | 03:26:09 | 06:09:37 |
| Distrito Federal  | 01:44:18                            | 01:50:53 | 03:35:11 |
| Espírito Santo    | 01:58:11                            | 02:03:48 | 04:01:59 |
| Goiás             | 01:38:28                            | 00:21:02 | 01:59:30 |
| Minas Gerais      | 01:50:43                            | 02:34:27 | 04:25:10 |
| Pará              | 02:30:33                            | 02:02:26 | 04:32:59 |
| Paraná            | 03:24:04                            | 02:05:47 | 05:29:51 |
| Pernambuco        | 02:23:18                            | 02:40:41 | 05:03:59 |
| Rio de Janeiro    | 02:23:33                            | 01:08:58 | 03:32:31 |
| Rio Grande do Sul | 01:25:17                            | 00:39:22 | 02:04:39 |
| São Paulo         | (-)                                 | (-)      | (-)      |

A escolha das unidades para realização das entrevistas coube às Secretarias Estaduais de Administração Penitenciária ou equivalentes, obedecendo aos critérios de residência do jovem no momento anterior à prisão, ou seja, estes preferencialmente deveriam ter residido nos bairros de atuação do Pronasci, além de possuírem a idade indicada pelo estudo.

#### Quadro 5 – Unidades do sistema prisional visitadas

| Localidades       | Sistema prisional                              |                                                          |
|-------------------|------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
|                   | Masculino                                      | Feminino                                                 |
| Acre              | Unidade Penitenciária nº 2                     | Unidade Penitenciária nº 3                               |
| Alagoas           | Presídio Cydião Durval                         | Penitenciária Santa Luzia                                |
| Bahia             | Colônia Lafayette Coutinho                     | Conjunto Penal Feminino                                  |
| Ceará             | Instituto Penal Paulo Sarasate                 | Instituto Penal Feminino Desembargadora Aurí Moura Costa |
| Distrito Federal  | Penitenciária do Distrito Federal II           | Penitenciária Feminina do Distrito Federal               |
| Espírito Santo    | Unidade de Segurança Média de Viana            | Penitenciária Estadual Feminina                          |
| Goiás             | Penitenciária Odenir Guimarães                 | CIS Consuelo Nasser                                      |
| Minas Gerais      | Complexo Penitenciário Nelson Hungria          | Complexo Penitenciário Feminino Estevão Pinto            |
| Pará              | Penitenciária Metropolitana I - PEM I          | Centro de Reeducação Feminina - CRF                      |
| Paraná            | Penitenciária Central do Estado                | Penitenciária Feminina do Paraná                         |
| Pernambuco        | Presídio Professor Barreto Campelo (masculino) | Colônia Penal Feminina do Recife                         |
| Rio de Janeiro    | Penitenciária Industrial Esmeraldino Bandeira  | Penitenciária Feminina Talavera Bruce                    |
| Rio Grande do Sul | Presídio Central de Porto Alegre               | Presídio Madre Pelletier                                 |
| São Paulo         | (-)                                            | (-)                                                      |

A obtenção das autorizações para as unidades do sistema socioeducativo obedeceu à lógica estadual de funcionamento das instituições e, além da solicitação à Secretaria ou Coordenadoria Estadual, foi necessária também a autorização do juiz da Vara da Infância e Juventude responsável. A maior dificuldade encontrada nas entrevistas com adolescentes foi selecionar mulheres, uma vez que, de acordo com o recorte do estudo, além de residirem nos bairros da amostra, elas deveriam estar cumprindo medida de internação. O número de adolescentes privadas de liberdade é normalmente muito pequeno, em todas as localidades.

## Quadro 6 – Unidades do sistema socioeducativo visitadas

| Localidade        | Sistema socioeducativo                                                 |                                                                        |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
|                   | Masculino                                                              | Feminino                                                               |
| Acre              | Unidade de Internação Provisória                                       | Centro Sócio-Educativo Mocinha Magalhães                               |
| Alagoas           | Unidade de Internação Masculina - Núcleo de Atendimento Socioeducativo | Unidade de Internação Masculina - Núcleo de Atendimento Socioeducativo |
| Bahia             | Comunidade de Atendimento Socioeducativo de Salvador                   | Comunidade de Atendimento Socioeducativo de Salvador                   |
| Ceará             | Centro Educacional Dom Bosco                                           | Centro Educacional Aldacir Barbosa Mota                                |
| Distrito Federal  | Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE)                     | Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE)                     |
| Espírito Santo    | Unidade de Integração Social (UNIS)                                    | Unidade Feminina de Internação (UFI)                                   |
| Goiás             | Centro de Atendimento Sócio-Educativo (CASE)                           | Centro de Atendimento Sócio-Educativo (CASE)                           |
| Minas Gerais      | Centro de Reeducação Social São Jerônimo                               | Centro de Reeducação Social São Jerônimo                               |
| Pará              | Centro de Internação Almirante Barroso (CIAB)                          | Centro Sócio-Educativo Feminino (CESEF)                                |
| Paraná            | Cense São Francisco                                                    | Cense Joana Richa                                                      |
| Pernambuco        | Case Abreu e Lima                                                      | Case Santa Luzia                                                       |
| Rio de Janeiro    | Escola João Luiz Alves (EJLA)                                          | Educandário Santos Dumont (ESD)                                        |
| Rio Grande do Sul | POA I                                                                  | Centro de Atendimento Sócio-Educativo Feminino (CASEF)                 |
| São Paulo         | Complexo da Vila Maria                                                 | Unidade de Internação Feminina Chiquinha Gonzaga                       |

Com o intuito de estimular o entrevistado a falar sobre sua trajetória, a entrevista exploratória sempre era iniciada com a apresentação de 27 imagens que se relacionam com o universo de adolescentes e jovens denominadas “Quadros”, criadas pelo Instituto Fonte, no âmbito do Programa Pró-Menino: Jovens em Conflito com a Lei, desenvolvido pela Fundação Telefônica.<sup>24</sup>

Todos os pesquisadores de campo foram orientados a produzir um relatório (diário de campo), posterior à realização das entrevistas, reportando as particularidades encontradas no campo, bem como as dificuldades para realização das entrevistas. Contudo, pôde-se notar, após a leitura integral do material, que a comparação entre essas anotações fica prejudicada por conta da ausência de padronização. Por conta disso, optou-se por não realizar uma comparação entre os relatos escritos pelos pesquisadores.

Posteriormente às entrevistas, para proceder a análise do material, criou-se um banco de dados com o áudio das entrevistas realizadas com adolescentes e jovens do sexo masculino, no software de análise qualitativa NVivo 8. Foram criadas 30 categorias dentro de seis eixos principais, que foram codificados no software tendo como foco principal de análise as motivações para o envolvimento com o crime. Os eixos criados refletem a estrutura do instrumento de coleta utilizado e buscam, primeiramente, analisar os principais espaços de construção da sociabilidade para um jovem, tais como escola, família, trabalho e o bairro em que vivia. Em seguida, partiu-se para a análise da

24 Ver documento “Instrumento de Coleta de Dados”, publicado no âmbito deste Projeto.

trajetória do jovem, então já envolvido com violência, tentando entender quais são os processos de sociabilidade neste contexto, as regras, benefícios e a percepção do entrevistado a respeito dele. Por fim, buscou-se compreender de que forma o jovem se relaciona com as supostas redes de proteção, tais como projetos sociais ou com a religião.

## **Quadro 7 – Eixos e categorias de análise**

### **Escola**

Evasão escolar

Trajetória na escola

Violência escolar

Polícia

Drogas / Álcool

### **Família**

Relações familiares

Problemas familiares (identificar problemas como: relações violentas entre familiares, alcoolismo, desemprego, falta de diálogo, divórcio, etc.)

Envolvimento de familiares com o crime

Violência doméstica

Polícia

Drogas / Álcool

### **Bairro**

Relações sociais no bairro

Contexto de criminalidade no bairro

Contexto material do bairro (condições, equipamentos públicos e infraestrutura)

Polícia

Drogas / Álcool

### **Trabalho (lícito)**

Histórico no mundo do trabalho (atividades lícitas já exercidas, por quanto tempo)

Consumo (finalidade do dinheiro lícito)

Polícia

Drogas / Álcool

### **Crime**

Histórico no crime (identificar o primeiro contato e a trajetória no crime)

Consumo (finalidade do dinheiro ilícito)

Crime organizado / gangue / grupo criminoso

Passagens por instituições (quais instituições e delitos)

Medida socioeducativa

Sistema prisional

Armas

Polícia

Drogas / Álcool

### **Redes de proteção**

Projetos sociais (relatos de participação e visão sobre o projeto)

Projetos do governo (relatos de participação e visão sobre o projeto)

Religião

De forma a orientar a análise do volumoso material produzido, o FBSP promoveu um seminário, em dezembro de 2009, com especialistas em juventude. O evento contou com a presença de Ga-

briel Feltran e Ana Paula Galdeano (pesquisadores convidados do Centro de Estudos da Metrópole/Cebrap), Paula Miraglia e Marina Menezes (Ilanud, coordenadoras do eixo “Sistematização de experiências de redução da violência letal”), Mônica Zagallo (Sou da Paz, coordenadora do eixo “Seminários e Cartilhas”), Natáliza Corraza (doutoranda em Antropologia Social da USP), Melissa Pimenta (FBSP, coordenadora do eixo “Narrativas da Violência: Análise Regional”), Guaracy Mingardi (FBSP, coordenador do eixo “Narrativas da Violência: Institucionalização”) e com a equipe interna do Fórum.

Tendo como pano de fundo para a discussão a compreensão dos fatores e processos que levam um jovem a se envolver com a criminalidade, o seminário procurou debater os desafios de detectar estas questões a partir do desenho do estudo, ou seja, sem uma análise de trajetória. Como, em uma entrevista limitada a um encontro de uma hora e meia, revelar os meandros da sociabilidade dos jovens entrevistados e escapar da representação de um discurso social ou institucionalmente legitimado? Após seis horas de discussão, algumas questões relevantes foram identificadas e três foram tidas como merecedoras de destaque no ato da análise para pensar uma política pública: identificar marcadores identitários do crime latentes nas periferias, levando em conta as particularidades regionais;

considerar a fluidez entre as fronteiras do legal e do ilegal que o jovem transpõe em seu cotidiano; ideia de que “o crime não compensa” não funciona como um apelo ao jovem da periferia, sendo necessário considerar os estímulos positivos para o crime.

Tal como previsto no desenho metodológico da pesquisa, o grupo de especialistas concluiu que seria muito complexa uma análise de trajetória com o material coletado e que, para tanto, seria necessário repetir entrevistas com alguns jovens para aprofundar a questão, além das observações sobre a dificuldade de chegarmos a este ponto da análise com o roteiro utilizado. Desse modo, como o objetivo do projeto é produzir insumos para políticas públicas, é válido destacar que as entrevistas exploratórias fazem maior sentido se analisadas em conjunto com as demais esferas do projeto e pouco informam se tomadas isoladamente.

